



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO**

MICAELE DA SILVA LEITE

**GÊNERO INCLUSIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA: O “TODES” COMO INSTRUMENTO
DE REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO NÃO-BINÁRIO ATRAVÉS DA LINGUAGEM**

MONTEIRO/PB

2022

MICAELE DA SILVA LEITE

**GÊNERO INCLUSIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA: O “TODES” COMO INSTRUMENTO
DE REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO NÃO-BINÁRIO ATRAVÉS DA LINGUAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa - da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa

Orientadora: Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos

MONTEIRO/PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L533g Leite, Micaele da Silva.

Gênero inclusivo na Língua Portuguesa [manuscrito] : o "todes" como instrumento de representação do sujeito não-binário através da linguagem / Micaele da Silva Leite. - 2022.

61 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portuguesas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos , Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Linguagem neutra. 2. Variação de palavras. 3. Gênero inclusivo. 4. Língua Portuguesa. I. Título

21. ed. CDD 400

MICAELE DA SILVA LEITE

GÊNERO INCLUSIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA: O “TODES” COMO INSTRUMENTO DE REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO NÃO-BINÁRIO ATRAVÉS DA LINGUAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa - da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

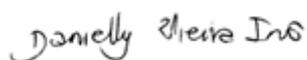
Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa

Aprovada em: 30/11/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Danielly Vieira Inô Espindula
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela preciosidade da vida, pelo cuidado, amor e proteção. Por ser meu pai celestial; por Jesus, Seu filho, que tanto me ama e pelo Espírito Santo, amigo, consolador e companheiro. Gratidão por tamanha graça sobre mim.

Aos meus pais, Maria Roseane e Inácio, pelo cuidado, amor, proteção e conselhos. A vocês, todo o meu amor e gratidão.

A minha amada vizinha, Maria Helena, por todas as orações a meu favor, pelo cuidado, abrigo e amor.

Aos meus irmãos, Micael Mateus e Mayra, pela companhia, cuidado, parceria e pelo encorajamento ao longo desta jornada acadêmica. Amo vocês.

Ao meu cachorro, Snoopy, por me esperar sempre com um abraço e olhos de amor. Obrigada, “filho”, por alegrar os meus dias.

A minha amiga desde o ensino médio, Núbia Maria, por ter compartilhado esses anos de curso comigo, pelas aventuras na estrada na época do PIBID. Por todo o encorajamento, amor e conselhos.

À Débora (a amiga que a Gramática me apresentou), pelos momentos de estudo, lazer, conversas, pela amizade.

À Andreza, pela gentileza desde o início do curso. Amiga, seu coração é gigante, obrigada pelos momentos compartilhados. O grupo das “gatas justapostas” será eternamente lembrado.

À Raiane, pela amizade e acolhida no “ap” sempre que precisei ficar em Monteiro.

A todos os meus colegas de turma, pelo privilégio de crescer junto com vocês, pelas alegrias e tristezas compartilhadas, pelo aprendizado mútuo e parceria em todas as etapas do curso.

Ao meu *older brother*, Daniel, pela conversa que me despertou a querer pesquisar sobre o “todes”.

A minha orientadora, professora Dra. Noelma Santos, a rainha da gramática, pelos ensinamentos compartilhados, pelo carisma, incentivo, compreensão, disponibilidade e instruções para a construção deste trabalho. Serei eternamente grata por confiar em mim.

Ao professor Dr. Jordão Joanes, meu orientador de um projeto de extensão, pelas instruções para a elaboração e ministração de aulas de Gramática, pelos ensinamentos compartilhados, pela compreensão e disponibilidade. Eu posso afirmar que serei uma profissional melhor por ter aprendido com o senhor.

Ao professor Dr. Marcelo Medeiros, por toda a ajuda sempre que precisei, principalmente na época do PIBID, por ter dedicado uma parte do seu tempo para produzir o meu currículo *lattes* comigo e por mostrar o quão bom é ler e ensinar literatura, prestando atenção nos mínimos detalhes das obras.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando foi necessário.

À UEPB, pelas oportunidades oferecidas. Hoje, posso afirmar que “universidade pública se paga com a alma” mesmo, como nós, universitários, costumamos dizer, pois uma maneira de “pagar” pelo que foi gratuito é dedicando a vida a fazer o melhor que puder com o que nos foi dado.

Por fim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho e com a minha formação acadêmica.

RESUMO

A língua é suscetível a mudanças, pois está a serviço da sociedade e pode variar de acordo com as transformações sociais. Essas mudanças, por vezes, parecem acontecer de modo arbitrário. Contudo, é importante lembrar que há sempre uma motivação para sua ocorrência e que, pelo uso, é natural que algumas variações se consolidem na língua e se tornem mudanças. Nesse sentido, é possível perceber diferentes usos da língua ligados a inúmeros fatores que caracterizam os contextos de interação. Uma das variações que temos observado, atualmente, refere-se ao uso de uma linguagem que está sendo chamada de “neutra”, por adicionar o gênero neutro (inclusivo) às palavras que se referem a pessoas que não se identificam nem com o gênero masculino nem com o gênero feminino, são, portanto, consideradas não-binárias. Assim, esta pesquisa surgiu a partir de inquietações quanto à utilização do termo “todes” na língua portuguesa, considerando que seu uso varia de acordo com quem o utiliza: ora direciona-se a um público heterogêneo; ora é usado para separar as pessoas em gênero. Nesse sentido, o presente estudo objetiva investigar em que contextos morfossintático e discursivo ocorre o pronome “todes” nas publicações do *Twitter* durante o mês de agosto de 2022. Como objetivos específicos, a proposta é: analisar o uso da palavra “todes” na Língua Portuguesa como forma de representação do sujeito não-binário; descrever, morfossintaticamente, a modificação de desinências de gênero masculino e feminino em determinados vocábulos para concordarem com o gênero “neutro”; discutir sobre a resistência para a utilização e implementação de um gênero “neutro” em Língua Portuguesa; e refletir sobre as relações de poder entre a linguagem e o grupo social que a utiliza. Para a realização deste estudo, selecionamos 310 postagens, organizadas em 6 categorias. A investigação acontece por meio de uma abordagem qualitativa; no processo de coleta de dados, esta pesquisa se caracteriza como documental e também segue o processo metodológico da netnografia; no processo de análise de dados, a pesquisa se caracteriza como descritiva. A pesquisa baseia-se nos estudos de Fiorin (1990), Fairclough (2001), Mäder (2015), Defendi e Gomes (2019), Cavalcante (2022), entre outros pesquisadores que contribuíram para a discussão do tema. Os resultados obtidos mostram que o “todes” é utilizado para se dirigir a um público diverso, principalmente em contextos de saudação. É aplicado como um termo marcador de gênero inclusivo sem modificar, em sua maioria, as demais palavras do discurso para que haja concordância. Ademais, mostram que a visão de mundo dos indivíduos implica, também, em variações na língua.

Palavras-chave: Linguagem neutra. Variação de palavras. Gênero inclusivo. Todes.

ABSTRACT

Language is susceptible to changes, because it is in service of the society and may vary according to the social transformations. These changes, sometimes, seem to happen in an arbitrary way. However, it is important to remember that there is always a motivation for its occurrence and that, by use, it is natural that some variations be established in the language and become changes. In that regard, it is possible to notice different uses of the language related to countless factors that characterize the contexts of communication. One of the variations that we have observed, nowadays, refers to the use of a language that has been called by “neutral”, because it adds the neutral gender (inclusive) to words that refer to people who do not identify with the feminine or masculine gender, so, they are considered non-binary. Therefore, this research emerged from restlessness regarding the use of the term “todes” in Portuguese language, considering that its use varies according to who uses it: sometimes it targets an heterogeneous audience; sometimes it is used to separate people by gender. In this sense, the present study aims to investigate in which morphosyntactic and discursive contexts the pronoun “todes” occurs on Twitter publications during the month of August 2022. As specific aims, the proposal is: to analyze the use of the word “todes” in Portuguese language as a form of representation of the non-binary subject; to describe, morphosyntactically, the modification of masculine and feminine gender endings in certain words to agree with the “neutral” gender; discuss about the resistance to the use and implementation of a “neutral” genre in Portuguese language; and reflect on the power relations between language and the social group that uses it. For carrying out this study, we selected 310 posts, organized into 6 categories. The investigation takes place through a qualitative approach; for the data collection process, this research is characterized as documental and also follows the methodological process of netnography; in the data analysis process, the research is characterized as descriptive. The research is based on studies of Fiorin (1990), Fairclough (2001), Mäder (2015), Defendi and Gomes (2019), Cavalcante (2022), among other researchers who contributed to the discussion of the topic. The results obtained show that the “todes” is used to address a diverse audience, mainly in greeting contexts. It is applied as a gender-inclusive marker term without modifying, for the most part, the other words in the speech so that there is agreement. Furthermore, they show that the worldview of individuals also implies variations in language.

Keywords: Neutral language. Words variation. Inclusive gender. Todes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Comentário 1	32
Figura 02 – Comentário 2	33
Figura 03 – Comentário 3	34
Figura 04 – Comentário 4	35
Figura 05 – Comentário 5	36
Figura 06 – Comentário 6	38
Figura 07 – Saudação 1	39
Figura 08 – Saudação 2	40
Figura 09 – Convite 1	41
Figura 10 – Convite 2	42
Figura 11 – Agradecimento 1	43
Figura 12 – Agradecimento 2	44
Figura 13 – Felicitação 1	45
Figura 14 – “todos” e “todes” na mesma postagem 1	46
Figura 15 – “todos” e “todes” na mesma postagem 2	47
Figura 16 – “todos” e “todes” na mesma postagem 3	48
Figura 17 – Ausência de concordância 1	49
Figura 18 – Ausência de concordância 2	50
Figura 19 – Uso do pronome nos três gêneros diferentes 1	52
Figura 20 – Uso do pronome nos três gêneros diferentes 2	53
Figura 21 – Uso do pronome nos três gêneros diferentes 3	53
Figura 22 – Agradecimento sem a preposição 1.....	54
Figura 23 – Agradecimento sem a preposição 2.....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 METODOLOGIA	12
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
3.1 Variações na Língua Portuguesa como parte das manifestações sociais	14
3.2 Gênero gramatical	18
3.2.1 Gênero gramatical e a semântica	19
3.2.2 Gênero gramatical masculino como instrumento para se referir ao gênero humano	21
3.2.3 A marcação do gênero gramatical	22
3.3 Gênero do ponto de vista social, sexo e mudanças na língua	23
3.4 Gênero inclusivo no português brasileiro	25
3.5 Utilização do termo “todes”	26
3.6 Modificações em palavras da língua portuguesa para adequação ao gênero inclusivo	27
4 ANÁLISE DO “TODES” EM POSTAGENS NO TWITTER	29
4.1 Postagens de Comentários	32
4.2 Postagens de Saudações	38
4.3 Postagens de Convites	40
4.4 Postagens de Agradecimentos	43
4.5 Postagem de Felicitações	45
4.6 Para além das categorias: outros fenômenos observados no uso do pronome “todes”	46
4.6.1 Separação entre os termos “todos” e todes” em uma mesma situação comunicativa	46
4.6.2 Ausência de concordância entre as classes de palavras no uso da linguagem inclusiva	49
4.6.3 Uso dos pronomes indefinidos “todos”, “todas” e “todes” simultaneamente	51
4.6.4 Ausência de preposição antes de palavras que se referem a um coletivo	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

As variações e mudanças na língua podem acontecer por ela ser um instrumento de interação entre os indivíduos, os quais estão em constante transformação social. Isso se dá pela necessidade de representar, por meio da linguagem, os pensamentos, crenças e ideologias. Além disso, as mudanças sociais têm influência direta nas formas de utilização da língua para funcionar como objeto de representação do eu e do outro.

Atualmente, vemos como o modo de pensar dos grupos sociais apresenta uma relação direta com as formas de utilização da linguagem. Nesse sentido, com o aumento da visibilidade de determinadas comunidades presentes na sociedade, como a comunidade LGBTQIA+¹ e, com isso, da inclusão dessas pessoas em diversas camadas sociais – o que antes era mais difícil pelo preconceito –, percebemos que esse grupo passou a sentir a necessidade de representação por meio da linguagem. Essa ausência de representação instala-se pela crença de que o morfema zero nas palavras da língua portuguesa não corresponde ao gênero não marcado; pelo contrário: identifica o gênero masculino. Desse modo, passa a ser proposto um morfema marcador de gênero “neutro” para modificar as palavras e, assim, ter um discurso genérico, que inclua pessoas do gênero masculino, feminino e não-binárias.

A aplicação do gênero “neutro” em palavras do português brasileiro se dá, majoritariamente, pelos integrantes da comunidade de fala supracitada por serem os fundadores da percepção de inclusão dos diferentes gêneros dos indivíduos na linguagem. Com essa inovação, instaurou-se uma problemática: a dificuldade de aceitação da nova variante por outros grupos sociais, independentemente de simpatizarem ou não com as ideologias da comunidade LGBTQIA+. Um dos fatores responsáveis pela objeção à linguagem “neutra” é a ausência de naturalidade no seu uso pelos falantes.

Nesse sentido, houve, no Brasil, o uso de uma linguagem “neutra” por parte de algumas instituições de ensino, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, também, pelo Museu da Língua Portuguesa em 2021. Nesse contexto, a universidade fez uso do termo “todes” em um comunicado aos alunos, enquanto o museu utilizou esse termo em uma postagem no *Twitter*, falando sobre sua nova fase após a reabertura, convidando toda a população. A partir disso, teve-se um embate político-ideológico, em que parlamentares autodenominados conservadores criaram leis que proíbem o ensino de uma linguagem

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual; + é usado para incluir outras identidades de gênero ou orientações sexuais.

“neutra” em escolas. Concomitantemente, linguistas e pessoas leigas às questões sociolinguísticas se posicionaram a favor ou contra essa variante no português brasileiro. Com isso, surgiu o interesse em realizar esta pesquisa para perceber como o “todes” – termo integrante da linguagem “neutra” – está sendo utilizado pelos falantes brasileiros.

Assim, considerando que o uso da linguagem “neutra” tem sido disseminado nas redes sociais, percebemos a importância de escolher uma dessas ferramentas digitais para análise das transformações que estão sendo aplicadas na língua por meio da variação do pronome indefinido “todos” para se referir a um público diverso e, assim, passa a ser usada a forma “todes”. Desse modo, selecionamos o *Twitter* por ser uma rede social caracterizada pela publicação de mensagens instantâneas pelos seus usuários, que relatam acontecimentos do seu dia a dia, bem como compartilham notícias, eventos e comentários sobre assuntos atuais. Segundo Gonçalves (2021), o *Twitter* tem cerca de 14 milhões de usuários somente no Brasil. Atualmente, costuma-se noticiar acontecimentos em primeira mão através dessa rede social, tornando-a uma ferramenta de informação imediata.

Dessa forma, partindo do pressuposto de que não há um gênero “neutro” na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e de que a dicionarização de uma palavra se dá a partir de seu uso em diferentes contextos sociais e políticos, pretendemos responder ao seguinte questionamento: (i) Em que contextos morfossintático e discursivo ocorre o pronome “todes” nas publicações do *Twitter*, durante o mês de agosto de 2022?

Esse questionamento geral nos conduziu à realização da pesquisa com os seguintes objetivos: (1) investigar os contextos morfossintático e discursivo em que ocorre o pronome “todes” nas publicações do *Twitter*, durante o mês de agosto de 2022; (2) analisar o uso da palavra “todes” na Língua Portuguesa como forma de representação do sujeito não-binário; bem como (3) descrever, morfossintaticamente, a modificação de desinências de gênero masculino e feminino em determinados vocábulos para concordarem com o gênero “neutro”; (4) discutir sobre a resistência para a utilização e implementação de um gênero “neutro” em Língua Portuguesa; e (5) refletir sobre as relações de poder entre a linguagem e o grupo social que a utiliza.

Com esta pesquisa, poderemos perceber que a luta pela igualdade de direitos, em relação aos gêneros, firma-se, também, pelo uso do “todes” como instrumento de posicionamento ideológico; bem como que a variação das palavras binárias na Língua Portuguesa passa por uma ampliação e surge o gênero “neutro” no sistema linguístico como uma alternativa de uso para se dirigir a pessoas não-binárias. Além disso, verificaremos a pertinência – ou não – do surgimento e implementação de um gênero “neutro” dentro de um

sistema de linguagem em que as palavras possuem desinência de gênero, mas não implicam, necessariamente, no gênero do indivíduo que as utiliza ou a ele são direcionadas.

Para embasar este estudo, utilizaremos os pressupostos teóricos de Fairclough (2001), que apresenta as relações sociais de poder por meio da linguagem; Fiorin (1990), que expõe a linguagem atrelada à ideologia; Mäder (2015) e Defendi e Gomes (2019), os quais direcionam discussões a respeito das noções de gênero gramatical e gênero social; e Cavalcante (2022), apresentando dados a respeito da utilização de uma linguagem “neutra” na Língua Portuguesa, entre outros pesquisadores.

O presente trabalho é formado por esta Introdução, seguida da Metodologia. Logo após, temos a Fundamentação teórica, na qual abordamos os conceitos de gênero gramatical, diferenças entre gênero e sexo, a linguagem como questão social e as noções teóricas de gênero inclusivo. Em seguida, temos a Análise dos Dados, composta pela descrição do processo de coleta dos dados e a sistematização deles seguida da análise morfosintática e discursiva. Por fim, temos as Considerações Finais, em que apresentamos as conclusões encontradas diante das questões levantadas para a realização da pesquisa, bem como reflexões acerca do tema da pesquisa.

2 METODOLOGIA

O desejo por entender o que acontece na sociedade em que se vive é comum ao ser humano. Com isso, a busca por informação está intrinsecamente ligada aos indivíduos. Para que isso seja possível, temos, como recurso eficaz, a pesquisa científica, que, segundo Rodrigues (2007, p. 2), “[...] é a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência.”. Desse modo, pesquisar envolve uma atitude imparcial quanto à coleta de dados, considerando a importância de apresentar o *corpus* como ele foi coletado e, a partir disso, descrevê-lo categórica e sistematicamente. Assim, poderemos chegar aos resultados pretendidos ou não, cabendo ao pesquisador ampliar a pesquisa ou mudar as estratégias para obtenção das informações pretendidas.

Para que isso seja possível, realizaremos uma pesquisa de natureza qualitativa, que, segundo Chizzotti (2003), busca o sentido de um determinado fenômeno e os significados dados a ele pelas pessoas. Esta pesquisa se caracteriza como documental, pois “trata da organização do manuseio de informações.” (CHIZZOTTI, 1991, p. 109 apud ANDRADE, 2004, p. 55). Além disso, partiremos do processo metodológico da netnografia, tendo em vista que analisaremos postagens em uma rede social e, de acordo com Soares e Stengel (2021), nesse campo de pesquisa, utilizam-se as mídias sociais como fonte de dados. No processo de análise de dados, a pesquisa se caracteriza como descritiva, pois, como afirma Gil (2008, p.29), “As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]”, dessa forma, faz parte dos nossos objetivos descrever um fenômeno, o uso do pronome “todes” no português brasileiro, e suas características morfossintáticas e discursivas.

Para a composição do *corpus*, selecionamos publicações do *Twitter* entre os dias 01 e 31 de Agosto de 2022, buscando por postagens atuais em que foi utilizado o termo “todes” por internautas brasileiros com o intuito de perceber a frequência de uso dessa forma de linguagem. Desse modo, coletamos 10 postagens de cada dia, totalizando 310; após isso, fizemos um levantamento das postagens, observando o contexto sintagmático do “todes”, ou seja, identificamos ocorrências em sintagmas nominais e sintagmas preposicionados. Em seguida, organizamos esses dados em 6 categorias e, por fim, analisamos publicações representativas do uso da linguagem “neutra”, através do pronome “todes”, encontradas em todo o *corpus*. Mais informações a respeito do *corpus* encontram-se na seção de análise dos dados.

Após essa organização dos dados em um documento, analisamos, a partir dos textos teóricos, como o “todes” é utilizado nas construções morfossintáticas e quais as implicações desse uso nas lutas sociais para a representação do grupo LGBTQIA+. Em seguida, fizemos uma interpretação dos dados, partindo de teorias já existentes sobre as relações entre linguagem, gênero, ideologia, representação social e poder, a fim de chegar aos resultados finais da pesquisa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção objetiva apresentar as teorias que embasaram esta pesquisa. Primeiramente, temos o tópico *Variações na Língua Portuguesa como parte das manifestações sociais*, baseado nas reflexões de Fiorin (1990) sobre as manifestações sociais por meio da linguagem. Em seguida, temos o tópico *Gênero gramatical*, fundamentado nos estudos de Mäder (2015) e Schwindt (2020) a respeito das definições de gênero. Esse tópico está dividido em três subtópicos, são eles: *Gênero gramatical e a semântica*; *Gênero gramatical masculino como instrumento para se referir ao gênero humano*, tendo como aporte teórico Corbett (1991) e Mäder (2015); e *A marcação do gênero gramatical*, segundo Possenti (2012), Mattoso Câmara (1972) e Cunha & Cintra (2017). Dando continuidade aos tópicos, temos *Gênero do ponto de vista social, sexo e mudanças na língua*, baseando-se em Defendi e Gomes (2019). Logo após, o *Gênero inclusivo no português brasileiro*, com base em Cavalcante (2022); *Utilização do termo “todes”*, seguindo as discussões de Oliveira (2022) e Cavalcante (2022) e, por fim, o tópico *Modificações em palavras da língua portuguesa para adequação ao gênero inclusivo*, também fundamentadas em Cavalcante (2022).

3.1 Variações na Língua Portuguesa como parte das manifestações sociais

A Língua Portuguesa, assim como outras línguas ocidentais, tem, em sua gramática, a variação em gênero. Por muitos anos, utilizou-se apenas o gênero masculino como um termo geral para se referir ao gênero humano, um exemplo disso é o pronome indefinido “todos”, usado para se referir a todas as pessoas presentes em um ambiente, independentemente do sexo. Após discussões sobre a importância da inclusão de termos de gênero feminino ao se dirigir a um grupo de homens e mulheres, passou-se a utilizar termos binários em discursos proferidos a um público heterogêneo, tal como: “Bom dia a todos e a todas”. Nesse sentido, surge, também, a utilização de uma suposta forma “neutra” de gênero gramatical com as seguintes formações: “todxs” ou “tod@s” com o intuito de se referir a um público diverso, contendo pessoas de gênero masculino, feminino e não-binárias.

Contudo, esse uso, da maneira como é escrito, não tem um fonema correspondente, por isso, gera problemas para pessoas com deficiência visual que utilizam aplicativos de leitura, por exemplo. Além disso, esses símbolos não formam sílabas compatíveis com o padrão silábico do Português: o uso do “x” forma uma sílaba apenas com consoantes e o “@” é um elemento alheio ao alfabeto da língua portuguesa, tendo sido

tomado de empréstimo dos símbolos da informática. Por esse motivo, atualmente, surge o termo “todes” e, com ele, uma tentativa de modificar vocábulos, tais quais pronomes e substantivos a partir da substituição dos morfemas “-o” e “-a” por “-e”. Essa modificação é realizada e apoiada, majoritariamente, pela comunidade LGBTQIA+ e por simpatizantes das causas desse grupo, que vêm lutando para se sentirem representados por meio da linguagem, mas enfrentam dificuldades pela não existência de um gênero “neutro” na Língua Portuguesa.

Diante do que vem sendo apresentado, destacamos que a linguagem faz parte das manifestações sociais desde que se consolidou como forma de expressão humana e é por meio dela que os indivíduos se posicionam no mundo. Nessa perspectiva, Fiorin (1990, p.55) afirma que a linguagem

tem influência também sobre os comportamentos do homem. O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente. [...] A sociedade transmite aos indivíduos - com a linguagem e graças a ela - certos estereótipos, que determinam certos comportamentos. [...] Os estereótipos só estão na linguagem porque representam a condensação de uma prática social.

Diante disso, vemos que a linguagem faz parte da sociedade como um instrumento de veiculação das ideologias e é carregada de valores impostos por seus usuários. Assim, por ser uma instituição social, os indivíduos fazem uso da linguagem em seus discursos para expressarem seus ideais. Com isso, compreendemos que

[...] a linguagem condensa, cristaliza e reflete as práticas sociais, ou seja, é governada por formações ideológicas. Ao mesmo tempo, porém, em que é determinada é determinante, pois ela “cria” uma visão de mundo na medida em que impõe ao indivíduo uma certa maneira de ver a realidade, constituindo sua consciência. (FIORIN, 1990, p. 54).

Desse modo, percebemos que a linguagem é de suma importância como instrumento da expressão humana e da formação de sua consciência, que é estabelecida por meio da inserção de uma nova perspectiva de mundo das classes sociais através do discurso que utilizam. Nessa perspectiva, segundo Fairclough (2001, p.2, *tradução nossa*), as ideologias “estão intimamente relacionadas ao poder, pois a natureza das suposições ideológicas embutidas em convenções particulares [...] depende das relações de poder que fundamentam as convenções [...]”. A partir disso, facilitam os “modos familiares de comportamento que tomam essas relações e diferenças de poder como garantidas.”. Ainda nesse sentido, Fairclough (2001, p. 2, *tradução nossa*) defende que “convenções são caracterizadas pela diversidade e por lutas de poder”. Assim, a visibilidade das ideias defendidas por determinados grupos sociais depende das relações de poder e do lugar que esses grupos

ocupam na sociedade e, com isso, os discursos veiculados por eles terão, ou não, o devido prestígio. Se determinado discurso é utilizado por um grupo marginalizado, provavelmente, não terá a mesma visibilidade de um que seja proferido por um grupo dominante. Essas relações de poder, segundo Fairclough (2001, p. 28, *tradução nossa*), “são sempre relações de luta” em que indivíduos com interesses divergentes interagem entre si.

Para entendermos o conceito de ideologia, consideramos a seguinte afirmação de Fiorin (1990, p. 29): ideologia é “uma ‘visão de mundo’, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social.”. Diante disso, nesse caso do surgimento do “todes”, percebemos a necessidade, por parte de um determinado grupo social, de expor sua visão a respeito da suposta exclusão, no discurso, de um grupo de indivíduos a partir da utilização de palavras que possuem desinência de gênero masculino e feminino e, portanto, estaria sendo excluída uma minoria que não se identifica com gênero algum. Assim, esses grupos vêem como importante a existência de um gênero “neutro” para que se sintam incluídos no discurso.

Diante do exposto, considerando que o Português é proveniente do latim, faz-se importante ressaltar que

O latim possuía três gêneros: o masculino, o feminino e o neutro. As principais línguas românicas (provenientes do latim) têm, em geral, apenas dois gêneros: o masculino e o feminino. O desaparecimento do neutro deve-se também a causas absolutamente internas do sistema. A queda das consoantes finais e a identidade de tratamento da maioria das vogais finais contribuíram para o nivelamento das diferenças entre palavras masculinas e neutras e, com o tempo, isso ocasionou o desaparecimento do neutro.” (FIORIN, 1990, p. 13 e 14).

Desse modo, o não uso de palavras de gênero “neutro” hoje em dia, seguindo a variedade padrão da língua, resulta também de mudanças internas no sistema linguístico. Porém, recentemente, surgiu (em determinados grupos, principalmente, no da comunidade LGBTQIA+ e no de seus simpatizantes) o uso de um termo considerado neutro: o “todes”. Com isso, podemos inferir que o surgimento desse vocábulo partiu da ação da analogia, que, de acordo com Fiorin (1990, p. 14), é um recurso utilizado para facilitar o uso de determinadas palavras e, portanto, ocorrem alterações na linguagem, em que formas irregulares passam a ser regulares. Isso acontece para que se tenha “formas produtivas, ou seja, mais abrangentes ou mais bem integradas ao sistema e, portanto, capazes de eliminar as formas não-produtivas.”. Desse modo, ao perceber a dificuldade de utilização dos termos “tod@s” e “todxs” na linguagem oral - por não existir um fonema correspondente a essas formas -, os simpatizantes do surgimento e uso de um termo geral e neutro fizeram uma

adequação desse pronome indefinido e, ao invés da utilização do símbolo “@” ou da letra “x”, passaram a utilizar a letra “e”, que deixa a palavra pronunciável, logo, mais acessível a diferentes situações discursivas.

Contudo, a busca por uma linguagem inclusiva na Língua Portuguesa ocasionou em diversas críticas, uma vez que a valorização das ideias de um grupo social se dá por meio de seu *status* social, ou seja, “a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante” (FIORIN, 1990, p. 31). Nesse sentido, a sociedade tende a atribuir valor às ideologias das pessoas que fazem parte da classe social com maior destaque. Assim, as alterações na língua podem ocorrer à medida em que a percepção de determinados grupos sociais mudam. Diante disso, como evidencia Fiorin (1990, p. 33), “as visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem”. Desse modo, é possível notar que as transformações sociais implicam, às vezes, em mudanças no uso da língua.

No entanto, essa mudança só se consolida quando a maioria dos sujeitos se sente representada pela linguagem, bem como sente a necessidade do seu uso nos diferentes discursos. Assim como afirma Labov (2008, p. 290), “se cada grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística” e, com isso, se determinados grupos não simpatizam com as ideias defendidas pelo grupo social que utiliza certo termo linguístico, conseqüentemente, não irão fazer uso desse novo vocábulo. Concomitantemente, uma nova linguagem passa a ser incluída na gramática de uma língua quando a classe dominante (e a maioria da população) faz uso dos novos vocábulos. No entanto, se não houver aceitação por parte dessa classe social, provavelmente, não haverá uma validação das mudanças linguísticas.

Diante do exposto, entende-se que, para revelar sua visão de mundo a respeito da pertinência de um gênero neutro no Português do Brasil, o sujeito faz uso do discurso e, assim, externaliza suas ideologias. Essas, por sua vez, passam a ser reproduzidas, inconscientemente, pelos indivíduos a partir do dizer do grupo social ao qual eles pertencem. Desse modo, como expõe Fiorin (1990, p. 34-37), “o discurso materializa as representações ideológicas” e, segundo ele, “não existem representações ideológicas senão materializadas na linguagem.”. Nesse sentido, “discurso e texto são ambos arena de conflitos e palco de acordo. Os conflitos e acordos são sociais.” (FIORIN, 1990, p. 48). Assim, o uso da linguagem é primordial para se posicionar no mundo, e é por meio do discurso que esses posicionamentos são firmados. Com isso, Fiorin (1990, p. 56) conclui que “o discurso é, ao mesmo tempo, prática social cristalizadora e modeladora de uma visão de mundo.”.

3.2 Gênero gramatical

Um dos fatores importantes para a definição do gênero gramatical é, segundo Mäder (2015), as evidências de concordância. Nesse sentido, ele afirma que “[no português], o gênero gramatical faz-se muito mais presente [do que em outras línguas], e essa categorização reflete-se em diversas classes de palavras sintaticamente ligadas aos nomes, que serão todos classificados como masculinos ou femininos”. Concomitante a isso, ele define que “o gênero do nome determinará o gênero dos elementos relacionados sintaticamente a ele” (MÄDER, 2015, p. 41). Assim, mantém-se uma relação de interdependência entre as palavras dentro da oração para que se obtenha concordância.

Outro teórico que também segue essa mesma linha de pensamento quanto ao gênero é Hocket (1958, p. 231 apud SCHWINDT, 2020, p. 7), de acordo com qual os gêneros “são classes de nomes refletidas no comportamento de palavras associadas”, ou seja, as modificações que ocorrem nos vocábulos dentro de uma oração, por exemplo, estão relacionadas às classes de nomes. Assim, se temos um substantivo feminino em uma sentença, as demais classes de palavras presentes nela flexionam para o feminino, de modo que haja concordância.

Diante dessas afirmações, entende-se que “a quantidade de gêneros gramaticais é determinada pelo número de classes de concordância nas quais estão distribuídos os nomes, exclusivamente, ou seja, o número de gêneros-controle” (MÄDER, 2015, p. 42). Portanto, para que se faça o uso efetivo de um gênero gramatical na língua portuguesa, deve-se existir a possibilidade de aplicá-lo em orações cuja estrutura se construa a partir da concordância com as classes nominiais existentes.

Seguindo o conceito apresentado por Mäder (2015) e Schwindt (2020) para utilizar um gênero gramatical neutro, deve-se fazer uso de classes nominiais que concordem com ele. Porém, em português, não existem determinantes neutros, pois, ou se referem ao gênero masculino da palavra ou ao gênero feminino dela. Assim, para que seja possível a aplicação de um gênero neutro, surge a necessidade de criação de novas palavras. Nesse caso, o impasse consiste na inserção de um novo sistema morfossintático de linguagem de maneira natural, uma vez que essa tentativa de utilização está sendo feita de modo pontual, principalmente na escrita ou em discursos orais, mas com uma recorrência maior apenas em saudações, o que foge da neutralidade na construção discursiva pelos falantes.

Ainda no que diz respeito à complexidade para a utilização de uma forma gramatical neutra no português brasileiro, Schwindt (2020, p. 16) relata que

duas questões que se impõem à formação de neutro tanto com caracteres como X e @ quanto com -e são a definição da referência semântica e a determinação ou indeterminação por artigos e pronomes, bem como a retomada pronominal. [...] gênero é mais do que uma informação lexical: trata-se de um mecanismo gramatical de que se vale o sistema por razões de economia.

Desse modo, é importante destacar que a “ambiguidade de um neutro em -e com usos masculinos de nomes fechados por essa mesma vogal (ex.: presidente) exemplifica (essa) [a] complexidade”. (SCHWINDT, 2020, p. 19). Nesse sentido, constata-se a instabilidade na inserção de uma linguagem neutra no português brasileiro, modificando classes gramaticais por meio de uma desinência de gênero cuja vogal utilizada é o -e, pois já existem palavras terminadas com essa letra que, por vezes, é marcadora do gênero gramatical; em outros casos, o que classifica o vocábulo em feminino ou masculino é o determinante.

Por fim, pode-se concluir que “a gramática emerge do uso da língua, não há como ignorar as relações entre os usuários da língua, e entre língua, cultura e sociedade, pois é justamente nessas relações que se realiza a língua, e nela ecoam as relações de poder entre homens e mulheres.” (MÄDER, 2015, p. 28). Assim, a inclusão de um modo de fala ou escrita neutra deve perpassar, obrigatoriamente, os usos comuns dessa linguagem pelos sujeitos inseridos na sociedade e, para que isso seja possível, como defende Schwindt (2020, p. 18-19):

é preciso que as pessoas conheçam e sejam capazes de identificar no mundo, de forma mais ou menos tácita, o significado de categorias como cis, trans, não binário etc. para que as marcas linguísticas que as designem se estabeleçam no uso. Mesmo assim, uma gramática que conte apenas com o/a/e designando, respectivamente, masculino, feminino e não binário, ainda que amplie as possibilidades de representação linguística de entidades do mundo, seguirá não dando conta de todas as possíveis segmentações ou subsegmentações de gênero social.

Portanto, a pauta de representação dos sujeitos não-binários começa pelo âmbito social, como consequência, a linguagem pode vir a mudar. Só a partir desse momento, é possível levantar questionamentos sólidos a respeito do que é linguagem neutra, como ela seria inserida na língua portuguesa do Brasil, quais os efeitos disso nos meios sociais em que a língua é utilizada como instrumento de aprimoramento intelectual (escolas da educação básica, por exemplo) e como isso beneficiaria os militantes dessa causa.

3.2.1 Gênero gramatical e a semântica

Sabemos que o gênero gramatical não funciona isoladamente, pois seu uso depende das palavras associadas. Diante disso, Corbett (1991, p. 63 apud MÄDER, 2015, p. 57) afirma que “o gênero sempre tem uma base na semântica”. Assim, o sentido estabelecido pelo uso do

gênero é primordial para que se tenha uma sentença coerente. Nesse sentido, não é possível organizar as palavras em uma frase sem que elas estejam relacionadas pela semântica, bem como devem ter uma base na sintaxe, e essa organização se dá pelos falantes de maneira natural de acordo com o convívio social. Portanto, o meio no qual cada sujeito está inserido exerce influência em sua maneira de se utilizar da linguagem para se expressar.

De acordo com alguns exemplos apresentados por Mäder (2015, p. 81-82) em relação à construção de frases por crianças em fase de aquisição da linguagem, “quando há variação [na palavra], esta é no sentido de o gênero gramatical adequar-se ao gênero do referente (humano), sendo um exemplo de prevalência dos critérios semânticos sobre os critérios formais de atribuição de gênero”. Assim, ao dizer: a *pilota* (a piloto) ou a *correia*² (entregadora de correios), a criança estaria estabelecendo uma relação de analogia e fazendo uma marcação de gênero nas palavras a partir do sujeito ao qual está se referindo.

Com isso, Mäder (2015, p. 63) declara que “[...] a motivação semântica para a classificação dos nomes em gêneros gramaticais em português (e em outras línguas), é a percepção de diferença de gênero (sexo) nos nomes que denotam seres humanos e alguns outros seres animados”. Portanto, concluindo essa ideia, Mäder (2015, p. 84) relata: “a motivação semântica do gênero gramatical na maioria das palavras que denotam seres humanos é a distinção de gênero (social/biológico) entre seres humanos do gênero masculino e seres humanos do gênero feminino.”.

Diante dessas afirmações, conclui-se que a utilização de um gênero gramatical neutro deve estar fundamentada na percepção do gênero biológico e/ou social dos indivíduos, pois, como expõe Mäder, essa associação é uma das principais características para a naturalidade no uso dessa linguagem. Por outro lado, sem que haja essa identificação, dificulta-se a comunicação entre interlocutores que não fazem parte do mesmo grupo social e, conseqüentemente, o sexo biológico ou o gênero social do outro é desconhecido. Com isso, a problemática surge à medida que se faz necessária - para a inclusão dos seres declarados não-binários no discurso, bem como para que haja uma linguagem “neutra” ao se dirigir a um grupo heterogêneo - a utilização de palavras de gênero gramatical “neutro” pela maioria dos falantes para que não haja, como os militantes dessa causa afirmam, exclusão.

² Exemplos retirados de Mäder (2015, p. 81): Na fala de crianças em fase de aquisição da linguagem encontram-se também formas inovadoras, nas quais a terminação -o é interpretada como sufixo marcador de gênero, e a forma *pilota* é formada analogicamente (e até mesmo a forma *correia* – referindo-se a uma funcionária dos Correios): (14) Meu helicóptero tem uma piloto. (15) É a correia! [referindo-se a uma funcionária dos Correios entregando a encomenda].

3.2.2 Gênero gramatical masculino como instrumento para se referir ao gênero humano

A prevalência do gênero gramatical masculino como instrumento para designar o gênero humano firma-se pelo relato de Caldas-Coulthard (2007, p. 379, apud MÄDER, 2015, p. 125) ao dizer que “[...] dimensões culturais irão sempre determinar o uso linguístico. As subculturas femininas e masculinas não são divorciadas de estruturas de poder”, uma vez que o patriarcado foi e ainda é muito forte em diversas nações de língua românica, como no Brasil.

Com relação à preferência pelo gênero gramatical masculino para designar o ser humano em sua multiplicidade, Caldas-Coulthard (2007, p. 376 apud MÄDER, 2015, p. 26) relata que “um sistema gramatical de uma língua levanta questões sócio-políticas muito sérias, já que a prática social dá prioridade, em termos linguísticos não simplesmente a uma sub-classe [sic] de substantivos, mas também a um sexo. Nas sociedades patriarcais, o sexo masculino é o prioritário.” Por esse motivo, então, percebemos uma maior utilização e, conseqüentemente, maior aceitação desse uso entre as diversas camadas da sociedade.

Diante disso, “[...] o emprego do gênero gramatical masculino para denotar o gênero humano se dá em razão do que se quer dizer, e fazer, com a língua, seja essa escolha consciente ou condicionada pelo uso estabelecido dentro da sociedade”. (MÄDER, 2015, p. 28). Portanto, a maneira como se constroem os discursos, tanto escritos quanto orais, reflete o nível de conhecimento, a preferência e a visão de mundo do enunciador, que demonstra, nesse caso da utilização de um determinado gênero gramatical em detrimento a outro para se referir a um grupo heterogêneo, o seu entendimento em relação à generalização discursiva.

Segundo Corbett (1991, apud MÄDER, 2015), existem algumas estratégias que podem ser utilizadas na língua para denotar o gênero humano, dentre elas, temos: o uso de um determinado gênero gramatical para designar seres humanos de modo coletivo e genérico. Isso se justifica pelo fato de que “a existência de concordância de gênero pode impor uma escolha problemática se, por exemplo, o falante tem de escolher entre masculino e feminino, ainda que o sexo do referente não seja conhecido.” (CORBETT, 1991, p. 5 apud MÄDER, 2015, p. 86). Portanto, nesses casos, a melhor alternativa seria usar palavras genéricas.

Seguindo essa perspectiva, Mäder (2015, p. 98) relata que “utiliza-se para denotar o gênero humano, o mesmo signo que se utiliza para denotar o gênero masculino, seja este signo verbal ou pictórico, enquanto para a mulher utiliza-se um signo específico”. Como exemplo disso, ele apresenta as seguintes figuras:

Figura 9. Pictogramas em placa de banheiro público



Fonte: Mäder (2015, p.98)

Figura 10. Pictogramas em semáforos para pedestres



Fonte: Mäder (2015, p.98)

A partir dessas figuras, percebemos que há uma marcação de gênero para o feminino na placa do banheiro; enquanto nos semáforos é utilizado um pictograma genérico, que seria, no caso dos banheiros, uma imagem de marcação do gênero masculino. Assim, referem-se à mulher por um pictograma específico, mas para se referir ao homem e à humanidade usam o mesmo pictograma. Com isso, entendemos que, mesmo na linguagem visual, há a presença do que podemos chamar de masculino genérico.

Desse modo, Mäder conclui que a utilização do masculino genérico em português se justifica por ele ser o gênero “não marcado”. Por esse motivo, também declara que “o gênero gramatical masculino [...] não carregaria uma ‘marca’ semântica de gênero, ao contrário do gênero gramatical feminino, que seria o gênero ‘marcado’, carregando uma marca semântica de ‘feminino’” (MÄDER, 2015, p. 103). Portanto, a inserção de um gênero gramatical neutro na língua portuguesa do Brasil ocasionaria o apagamento da percepção - e funcionalidade - do gênero gramatical masculino como genérico.

Para ressaltar essa ideia, voltamos ao que Mäder (2015, p. 147) afirma: a mudança na língua não modificará as interações, na sociedade, entre os gêneros. Por outro lado, ele declara a possibilidade de “argumentar que a rejeição desse uso linguístico – o masculino genérico – ou pelo menos as tentativas de evitá-lo, que se observam cada vez mais, sejam um sintoma de uma mudança social e cultural já em progresso. Basta olhar ao redor e percebê-la”. Assim, concluímos que a linguagem e as relações sociais de poder estão inter-relacionadas e essa interação implica nos modos de utilização da língua.

3.2.3 A marcação do gênero gramatical

De acordo com Possenti (2012 apud MÄDER, 2015, p. 105): “Os nomes com marca de gênero, em português, coincidem exatamente com os que estamos acostumados a

considerar femininos. Os outros casos, todos, seriam considerados sem gênero (inclusive os nomes considerados masculinos).” Nesse sentido, Mattoso Câmara (1972, p. 119) relata

que [o] feminino é, portanto, em português, como uma particularização mórfico-semântica do masculino, uma forma marcada pela adjunção da desinência /a/. Para usarmos a terminologia de Trubetzkoy, trata-se de uma oposição privativa, onde uma forma marcada pela desinência de feminino se afirma em face de uma forma não-marcada, ou de desinência \emptyset (zero) para o masculino.

Nessa mesma perspectiva, Cunha e Cintra (2017, p. 202) também afirmam que “o masculino é o termo não-marcado; o feminino o termo marcado” – o que, como afirma Mäder (2015), “[...] originou-se na escola estruturalista e ainda é utilizado, nos estudos linguísticos contemporâneos, como suporte teórico para a descrição do masculino genérico”. Com relação à possível marcação de gênero neutro na língua, como usada atualmente, após finalizar uma análise de coleta de dados, Defendi e Gomes (2019, p. 8) concluem que: “essa tentativa de mudança/acréscimo linguístico é observada apenas na modalidade escrita da língua, o que dificulta sua disseminação.”.

Essa ideia se justifica pelo fato de as discussões entre os seres humanos serem disseminadas pela linguagem oral, que é mais fluida e natural do que a linguagem escrita. Desse modo, qualquer mudança na língua deve passar, primeiramente, pela utilização efetiva da nova variante linguística nas comunicações orais para, em seguida, ser registrada pela linguagem escrita.

3.3 Gênero do ponto de vista social, sexo e mudanças na língua

A percepção de uma parte da população brasileira a respeito da necessidade de inclusão de um novo gênero na língua portuguesa para se adequar a identificações pessoais de gênero humano está associada à visão de gênero como questão social. Nesse sentido, Sterling (2002) expõe que a crença sobre o gênero define o sexo do indivíduo. Assim, segundo ele, “não existe o isso ou aquilo” (p.15) em relação ao sexo. Portanto, conclui: caracterizar alguém como homem ou mulher procede de uma decisão social e, paralelamente, da crença sobre o gênero.

Por outro lado, a ideia de relacionar o gênero do indivíduo, que, nesse caso, é construído a partir de crenças sociais, ao gênero da palavra em português do Brasil torna-se complexa. Isso se dá devido à ausência de elementos marcadores de gênero em várias palavras da língua portuguesa. Para justificar, vejamos alguns dados levantados por Defendi e Gomes (2019, p. 2-3):

Em 95,5% dos casos, como indica Bagno (BAGNO, 2011. p.687), as palavras, em português não apresentam nenhum elemento que indique a noção de gênero: luz, sol, fuzil, árvore, pé, alface, sangue, leite, cadeira, mesa, mar, garfo, colher, lua, assim por diante. Nesses casos, o gênero é arbitrário e convencional, ou seja, é assim, porque a comunidade de falantes da língua decidiu que é, sem maiores explicações.

Diante dessa afirmação, percebe-se a influência da sociedade na construção do gênero da maioria das palavras, sendo indicado pelo determinante que as acompanha. Desse modo, o gênero gramatical é instituído de maneira habitual, sem seguir regras pré-estabelecidas e se firma na linguagem pelo uso natural entre os interlocutores, principalmente em discursos orais. Seguindo esse aspecto, os teóricos supracitados ressaltam que

Em outros casos, palavras que tinham outro gênero em sua língua de origem, não tiveram o mesmo tratamento, sendo mantidas em gênero diferente em português, é o caso, por exemplo das palavras “mapa” e “dia”, que em latim eram femininas, mas em português são masculinas. Isso prova que a terminação das palavras não tem nenhuma relação com o gênero que lhes é atribuído e que a atribuição do gênero é arbitrária. (DEFENDI; GOMES, 2019, p. 4)

Partindo dessa afirmação, instituir uma linguagem “neutra” por meio do acréscimo da letra -e no final de palavras e, também, da substituição da letra final por -e causa, na semântica, sintaxe e morfologia uma inadequação, pois esse modo de escrita foge da coerência textual, que é imprescindível para uma comunicação clara entre os indivíduos, bem como percebe-se a dificuldade do uso nos discursos orais. Essas dificuldades revelam, pelo menos até o presente momento, a ausência de naturalidade na utilização da linguagem “neutra” pelos falantes brasileiros.

Diante disso, acreditamos que o desejo de mudança na linguagem - para inserção de um possível gênero neutro - firma-se pelo interesse de determinados grupos sociais em se sentirem incluídos no discurso, bem como por simpatizantes das causas dessas pessoas. Nesse sentido, Defendi e Gomes (2019, p. 9-10) relatam que, ao falar em linguagem neutra, “[o] que se propõe é ensinar que a língua é uma forma de refletir a sociedade em que vivemos e que é variável. Que as palavras não são neutras, elas fazem parte das relações sociais. Que, se no passado, masculino e feminino bastavam, hoje, não bastam mais.”. Assim, partiremos das hipóteses aqui levantadas para, ao analisar o *corpus*, chegarmos a uma conclusão sobre a utilização do “todes” na língua portuguesa do Brasil.

Portanto, partindo das definições de gênero gramatical, gênero humano e gênero social apresentadas até então, chegamos à conclusão de que a inserção de uma linguagem “neutra” se baseia na percepção de gênero como uma pauta social. Nesse sentido, Possenti (2022, p. 19) afirma que “gênero” pode ser definido, atualmente, como “uma questão social, caso em

que ‘gênero’ substitui, não com sentido equivalente (isso nunca ocorre), a palavra ‘sexo’. Melhor: mais disputa espaço do que substitui.”. Assim, o que temos é uma disputa no campo da semântica; e não, necessariamente, da morfossintaxe.

Desse modo, perante o exposto, entende-se que a língua está sujeita a mudanças, pois não é estável e isso acontece de acordo com as transformações que ocorrem na sociedade. Esse processo, por sua vez, é lento na maioria dos casos, ou seja, novas palavras ou novos sistemas de linguagem não surgem por imposição ou subjetividade das pessoas, mas diante de seus usos, escritos e orais, pelas diversas instâncias sociais.

Nessa perspectiva, Defendi e Gomes (2019, p. 4) afirmam que “o fato de uma palavra ou expressão não fazer parte da norma culta da língua, não a torna absolutamente inviável, afinal, depende de encontrar uma zona de acolhida na língua e, mais ainda, da eficiência na comunicação.”. Assim, concluem que “a partir do momento que um fato linguístico passa a fazer parte de nossas vidas, ele existe.” (p. 8). Com isso, partindo do que esta pesquisa se propõe a analisar, poderemos refletir acerca das motivações para o uso do termo “todes” e das possibilidades de inserção dele na língua portuguesa a partir das teorias apresentadas.

3.4 Gênero inclusivo no português brasileiro

Até o momento, denominamos o novo modo de linguagem a ser utilizado pelos brasileiros, como é apresentado pelos defensores dessa causa, de linguagem “neutra”. No entanto, baseando-nos na afirmação de Defendi e Gomes (2019), ao relatarmos que não existe neutralidade nas palavras, pois estão relacionadas às interações sociais e, assim, partem sempre de um ponto de vista - o que exclui a imparcialidade -, adotaremos a definição de linguagem inclusiva para denotar a implementação do termo “todes” na língua portuguesa.

Diante disso, firmamos essa decisão pela noção de que, segundo Martin (1975 apud Possenti, 2022, p. 24), para verificar a existência de gênero em português, é necessário, primeiro, identificar se há concordância. Assim, não existe a possibilidade de chamar o termo “todes” e demais tentativas de variações das palavras da língua portuguesa de gênero neutro, justamente pela identificação de ausência de concordância entre as classes de palavras ao tentar modificá-las para caberem na formação de linguagem “neutra”.

Com isso, Cavalcante (2022, p. 82) relata que “[...] as interferências na língua são tentativas de criar formas novas de neutralidade - ou linguagem inclusiva, ou gênero neutro - e encontram espaço em diversas línguas, não só no PB [português brasileiro].”. Ademais, a

autora afirma que essa mudança está além do nível da consciência e, provavelmente, por esse motivo, bem como por precisar criar manuais, notamos “um tom prescritivista ou soluções pouco naturais e produtivas”.

Nesse caso, a instabilidade de inserção de uma linguagem inclusiva no português brasileiro acontece pela complexidade instaurada no momento de construção de novas formas de linguagem pelos falantes, em que se faz necessário a construção de um manual de uso³ para que as pessoas possam acessá-lo ao desejarem utilizar essa forma de linguagem.

3.5 Utilização do termo “todes”

Com o surgimento do termo “todes”, sentimos a necessidade de classificá-lo gramaticalmente, uma vez que, nesta pesquisa, será analisado a partir de uma perspectiva morfossintática e discursiva. Assim, para se referir a esse objeto de investigação, aplicaremos a seguinte classificação: pronome indefinido de gênero inclusivo⁴. Para essa classificação, baseamo-nos em Cavalcante (2022), que classifica o -e utilizado na linguagem “neutra” como desinência de gênero inclusivo. Desse modo, compreenderemos o pronome “todes” e as demais classes de palavras que sofrem alteração em seu léxico para se adequarem a essa nova variante como linguagem inclusiva.

Concomitante a isso, Oliveira (2022, p. 192) expõe que “escrever ou falar ‘todes’ no lugar de ‘todos’ é mais do que a troca de um elemento linguístico na ortografia e na realização fonética de uma palavra; é uma manifestação social em busca de inclusão e afirmação de existência”. Nessa perspectiva, o gênero inclusivo é, para a sociedade, como a gramática é para a linguística: um instrumento de representação do que se quer dizer e, ao fazer isso, é imprescindível a aplicação desse elemento em contextos de uso da língua para que haja sentido no discurso.

Ao falar em gênero inclusivo, reforçamos a afirmação de Cavalcante (2022, p. 87) a respeito da classificação de gênero nas palavras, que, segundo ela, se dá de maneira “arbitrária e variável nas línguas, e não necessariamente relacionada ao significado da palavra no mundo biossocial, ou seja, não está associada a uma ideia de sexo para os seres sexuados”. Assim,

³ Já existem alguns manuais de uso da linguagem “neutra” na Língua Portuguesa, por exemplo, o manual elaborado por Almeida (2020), disponível em: <https://www.academia.edu/43853544/Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_L%C3%ADngua_Portuguesa>.

⁴ A definição “pronome indefinido de gênero inclusivo” não existe na língua portuguesa, o fato de fazermos uso dela neste trabalho serve, apenas, para a identificação do termo “todes”, que é nosso objeto de pesquisa.

justifica-se a inadequação de classificar o pronome indefinido de gênero inclusivo “todes” como gênero neutro, uma vez que não existe ser humano assexuado - aqui, entende-se “assexuado” como alguém sem sexo biológico.

Diante disso, não há a imprescindibilidade de relacionar palavras da língua portuguesa ao gênero biológico ou social das pessoas de modo direto, pois isso acontece por meio de diversos fatores, a exemplo disso, temos a palavra “testemunha”, que pode ser usada para classificar indivíduos do sexo feminino ou masculino a partir do uso de um determinante e não, necessariamente, de uma vogal final marcadora de gênero.

3.6 Modificações em palavras da língua portuguesa para adequação ao gênero inclusivo

Nesta subseção, apresentaremos alguns exemplos de palavras que foram modificadas por determinados grupos de falantes para a tentativa de inserção delas na proposta de linguagem inclusiva do português brasileiro. Para especificar esse desejo de uma parte dos usuários da língua, baseamo-nos em Cavalcante (2022, p. 87), que declara: “a necessidade de oposição aos gêneros masculino e feminino como identidade de gênero passa para a língua[...]”. Assim, nota-se a influência, direta e indiretamente, das crenças ideológicas dos indivíduos de diferentes comunidades sociais nos modos de usar a língua para que ela seja o meio de representar os ideais dos falantes e, ao mesmo tempo, o instrumento responsável por incluir, no discurso, quem acredita na necessidade de uma variação da língua portuguesa para que, por meio disso, seja representado.

Diante do contexto, para explicar essas modificações, Cavalcante (2022, p. 87) expõe algumas mudanças na língua por meio do uso da vogal marcadora de gênero inclusivo (-e), ou, usando a expressão dela: “desinência de gênero inclusivo”. Vejamos:

a desinência -e e os pronomes neutros se opõem ao masculino e ao feminino não só como identidade, mas também gramaticalmente. Então, para substantivos (e aí os adjetivos por concordância) que tenham o traço [+humano] surge a oposição masculino/feminino/neutro: *aluno/aluna/alune; professor/professora/; cansado/cansada/cansade; nu/nua/nue.*”

Além disso, a pesquisadora especifica que

para as palavras com referente [+humano], teríamos ainda um sistema [±binário] de gênero subdividido: gênero +binário x gênero -binário. No grupo do [+binário], teríamos a oposição [masculino] x [feminino] e no do [-binário], o neutro, sendo todos marcados morfologicamente com \emptyset /-a/-e (professor, aluno/professora, aluna/professore, alune). (CAVALCANTE, 2022, p. 88).

Portanto, percebe-se a utilização de palavras de gênero masculino ou feminino de um modo diferente, partindo do acréscimo da letra -e ao final do vocábulo ou da substituição da letra final, que indica o gênero da palavra, pela letra -e, indicando a intenção de não-binaridade na língua.

Ademais, Cavalcante (2022, p. 88) declara que essa subclassificação pode implicar na variação do uso das palavras no discurso. Assim, segundo ela, “há quem se apresente com: ‘Bom dia a todos, a todas e a todes’ e ‘Bom dia a todes’. O uso de *todes* na primeira saudação diferencia pessoas não-binárias das demais pessoas; o segundo uso abrange todas as pessoas, sem distinção”. Desse modo, notamos que a construção do discurso revela o que o falante quer dizer. Assim, concluímos: a linguagem está relacionada à sociedade e, devido às transformações sociais, está sujeita a modificações. No entanto, a permanência das variações propostas por determinados grupos sociais firma-se - ou não - pela efetividade delas na linguagem oral, paralelamente à aceitação dessas mudanças pelos usuários da língua em geral.

4 ANÁLISE DO “TODES” EM POSTAGENS NO *TWITTER*

Na presente seção, expusemos a escolha pelo *corpus*, o processo de coleta de dados e a análise das postagens coletadas, que acontece pela descrição morfossintática e discursiva. A análise morfossintática foi realizada para observarmos a função e a relação sintática do “todes” com as palavras com as quais ele ocorre, bem como averiguarmos a necessidade ou não de concordância entre elas. A análise discursiva aponta as reflexões que julgamos importantes para interpretar o uso do “todes” a partir de questões sociais.

Assim, tendo como objetivo a investigação a respeito da utilização do pronome “todes” por cidadãos brasileiros, fizemos um levantamento de dados por meio de postagens no *Twitter*, tendo em vista que essa é uma rede social em que as pessoas fazem publicações quase que instantaneamente sobre acontecimentos sociais e, também, sobre a vida pessoal delas.

Para isso, inicialmente, delimitamos o mês de Agosto como período de tempo em que foi feito o uso do termo “todes” pelos internautas. Essa escolha pelo oitavo mês do ano se deu por ser o recorte sincrônico mais próximo à produção desta análise, considerando o intuito da pesquisa em coletar dados recentes para perceber se o uso do “todes” continua sendo feito pelos brasileiros desde o seu surgimento em 2021 – quando universidades, escolas e o Museu da Língua Portuguesa no Brasil fizeram o uso dessa variante da língua, causando reações positivas e negativas nas pessoas e, concomitantemente, nas diversas instâncias da sociedade no país.

Após esse passo, usando a ferramenta de filtro de buscas no *Twitter*, pesquisamos as seguintes informações: 1) palavra “todes”, 2) língua portuguesa e 3) período de tempo de 01 a 31 do mês acima mencionado. Ao iniciarmos o levantamento dos dados, surgiram cerca de 60 publicações (que conseguimos ler) entre os dias 31, 30 e 29 de Agosto – mencionamos, aqui, os números em ordem decrescente, pois as publicações aparecem do final do mês até o início dele, seguindo o filtro do período de tempo escolhido. Entretanto, por haver muitas postagens entre apenas três dias, consideramos mais viável, em termos de análise e discussão, escolher 10 publicações por dia, totalizando 310 postagens a serem analisadas de modo geral. Desconsiderando aquelas que apresentam as mesmas características semântico-discursivas, trouxemos as ocorrências representativas do vocábulo em situações comunicativas diferentes.

Desse modo, a pesquisa seguiu com o uso dos filtros 1 e 2; porém o terceiro precisou ser alterado devido ao fato de que o *Twitter* gera as publicações em ordem decrescente, do final para o início do mês. Com isso, seguimos a busca pelo intervalo de dois dias, por

exemplo: 1-2 de Agosto, 2-3 de Agosto (foi necessário repetir o último número de cada intervalo para que ele aparecesse primeiro) e assim sucessivamente.

Nesse sentido, a escolha das publicações se deu a partir dos seguintes critérios: a) ordem em que aparecem e b) postagens sem a utilização de palavras chulas. Assim, após fazer *print* de todas as postagens, digitamos cada uma delas para facilitar a análise e descrição, uma vez que, por meio disso, ficou mais fácil fazer a marcação de palavras e colocar observações em alguns trechos. Posteriormente a esse momento de coleta, partimos para a análise, realizando uma descrição morfossintática para perceber de qual forma o “todes” está sendo usado e qual a função exercida por ele nas frases. Esse primeiro levantamento nos levou aos seguintes resultados:

Tabela 1: Ocorrências do pronome “todes”, quanto ao contexto morfossintático

Contexto Morfossintático do “todes”	Concorda com outras palavras do sintagma	Não concorda com outras palavras do sintagma	Número de ocorrências	%
Sintagma Preposicionado	16	213	229	73,9 %
Sintagma Nominal	22	59	81	26,1 %
TOTAL	38	272	310	100%

Fonte: Elaboração própria

Como é possível ver na Tabela 1, das 310 postagens coletadas, encontramos 229 publicações, ou seja, 73,9%, em sintagmas preposicionados e 81 ocorrências, 26,1%, em que o “todes” foi empregado dentro do sintagma nominal.

Dentro do sintagma preposicionado, a maioria das ocorrências (213) não concorda com outras palavras, enquanto a minoria (16 delas) concorda. Vejamos um exemplo em que o “todes” concorda com outras palavras dentro do sintagma preposicionado (1); e um em que não concorda (2):

- (1) “Convidamos a **todes** es interessades, militantes, pesquisadores, lutadoras/es sociais, estudantes e trabalhadores que carregam um mundo novo em seus corações para que se juntem ao Ateneu e ao ITHA.” (25/08)
- (2) “Muito obrigado a **Todes** que estiveram presentes e levaram a energia lá em cima” (28/08)

Dentro do sintagma nominal também predomina o uso do “todes” sem concordar com outras palavras (59 ocorrências) em relação ao uso do pronome concordando com as demais

palavras do sintagma (22 ocorrências). Vejamos um exemplo de concordância (1) e um em que não há concordância (2) dentro do sintagma:

- (1) “**todes** que estão ansiosos por favor fiquem de olho nas redes e compartilhem com colegas quando sair data hein!!!!!!” (30/08)
- (2) “**Todes** meus estudantes de mestrado são, no mínimo, 2x melhores pesquisadores do que eu era na minha época [...]” (22/08)

Para efeito de organização do *corpus*, os dados foram divididos a partir das situações comunicativas em que ocorreram, separadas aqui em seis categorias, são elas: 1) *agradecimentos*, compreendendo enunciados de gratidão por algo ou alguém; 2) *saudações*, formada por mensagens de desejo de bom dia, boa semana etc; 3) *felicitações*, caracterizada por frases de homenagem por algum dia comemorativo ou por alguma atitude; 4) *comentários*, definida pelas postagens gerais sobre acontecimentos do dia a dia; 5) *convites*, compreendendo mensagens de anúncio de eventos e 6) *pedidos*, fazendo referência à solicitação para seguir determinadas orientações. Quanto às categorias apresentadas, encontramos os seguintes resultados:

Tabela 2: Ocorrências do “todes” quanto à situação comunicativa

Categorias	Ocorrências	%
Comentários	123	39,7%
Saudações	76	24,5%
Convites	51	16,5%
Agradecimentos	42	13,5%
Felicitações	11	3,5%
Pedidos	7	2,3%
TOTAL	310	100%

Fonte: Elaboração Própria

Assim, conforme vemos na Tabela 2, das 310 postagens coletadas, encontramos 123 postagens, 39,7%, na categoria de comentários; 76 (24,5%) na de saudações; 51 (16,5%) classificadas como convites; 42 (13,5%) como agradecimentos, 11 (3,5%) postagens categorizadas como felicitações e, por fim, 7 (2,3%) em pedidos. Diante desses dados, concluímos: a utilização do pronome indefinido de gênero inclusivo é mais recorrente nos

discursos atrelados a considerações gerais sobre assuntos diversos, seguido das sentenças em que se expressam saudações a um público heterogêneo e, em sua maioria, desconhecido ao enunciador da mensagem. Portanto, consideramos a tese de que o uso do termo “todes” está relacionado ao desconhecimento do(s) receptor(es) da mensagem e, por isso, há necessidade de inclusão de um termo marcador de neutralidade. Na subseção a seguir, vejamos a análise de algumas postagens coletadas, organizadas nessas categorias.

4.1 Postagens de *Comentários*

Nesta subseção, temos a exposição de algumas postagens classificadas na categoria de *comentários* e uma análise morfossintática e discursiva delas. Vejamos os *tweets* a seguir:

Figura 01: Comentário 1



Fonte: <https://twitter.com/JosianaZs/status/1554171457508413440>

Nesse *tweet*, percebemos que a utilização de “lascades” e “Argentines”, fazendo uma adequação das palavras “lascados” e “Argentinos” para concordarem com o pronome indefinido de gênero inclusivo, contribui com o intuito do enunciador: criticar a decisão da Argentina em tornar oficial a linguagem “neutra”. Assim, o internauta faz uso de uma linguagem inclusiva para criticar a própria linguagem inclusiva, ou, como está na postagem

compartilhada: a linguagem “neutra”. Nesse sentido, verificamos que essa postura discursiva revela as lutas de poder, como afirma Fairclough (2001), em que os indivíduos fazem uso da linguagem como arena de conflitos e, por meio dela, posicionam-se no mundo. Desse modo, compreendemos que, ao criticar a implementação de uma linguagem neutra na Argentina, o internauta brasileiro mostra, por meio da construção linguística, sua visão de mundo, que, segundo Fiorin (1990), é o que chamamos de ideologia: o modo como as comunidades de fala organizam, argumentam e expõem a ordem social. Portanto, fica clara a intolerância do internauta quanto ao surgimento de variações da língua para a implementação de um sistema de linguagem neutra.

Na segunda postagem, a seguir, a variação aconteceu na palavra “juntas” para concordar com o pronome indefinido “todes”. Vejamos:

Figura 02: Comentário 2



Fonte: <https://twitter.com/janiellypsol/status/1555184921651601414>

Reconhecemos, a partir desse uso, que a linguagem inclusiva se insere no nível da consciência linguística, em que o falante reconhece a necessidade de estruturar a enunciação gramaticalmente para que se tenha concordância entre as classes de palavras utilizadas. Diante dessa ação de modificação do adjunto adnominal “juntos” ao substituir o morfema -o por -e, percebemos que, como afirma Mäder (2015), o gênero do nome, nesse caso o “todes”, determina o gênero da palavra a ele relacionado. Desse modo, retomamos a definição de Mäder (2015, p. 28) ao expor que o uso da língua determina o surgimento da gramática, assim, declara: “não há como ignorar as relações entre os usuários da língua, e entre língua, cultura e sociedade, pois é justamente nessas relações que se realiza a língua, e nela ecoam as relações de poder entre homens e mulheres”. Com isso, concluímos: o internauta se posiciona por meio do seu discurso ao usar variações de gênero inclusivo nas palavras com referente coletivo para, por meio de sua enunciação, se dirigir a um público heterogêneo. Assim, demonstra a sua visão de mundo por meio da linguagem, ou seja, a necessidade de modificação no sistema linguístico para a inserção de pessoas não-binárias no discurso.

Na próxima postagem, a internauta apresenta seu ponto de vista a respeito da fala de pessoas sem deficiência sobre as pessoas com deficiência (PCD):

Figura 03: Comentário 3



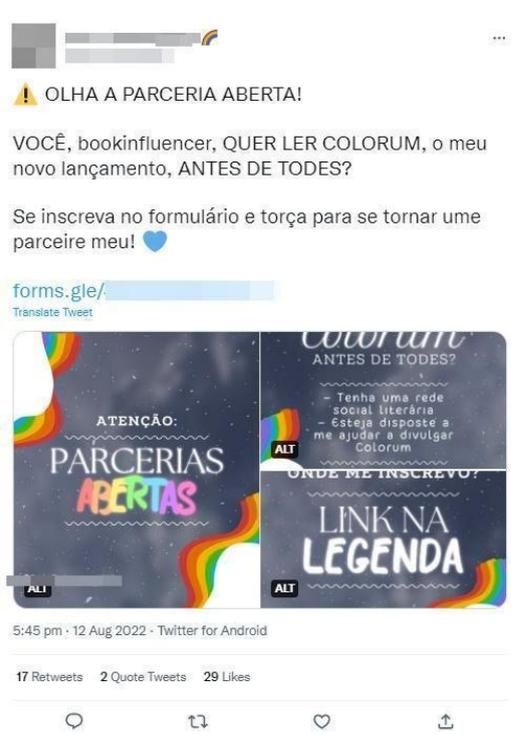
Fonte: https://twitter.com/_Pant/status/1556693150432989184

Na figura, observamos que ela introduz sua fala com o vocativo “amigues” e, em seguida, usa o pronome indefinido “todes” para se referir ao seu público. No entanto, marca seu gênero biológico (ou social) ao se referir a si mesma como “mami” - redução do substantivo feminino mãe. Com isso, notamos o desejo de marcar, na fala, o gênero inclusivo ao se referir a um público diverso. Essa modificação nas palavras perpassa o conhecimento

sobre as categorias cis, trans e não-binário, por exemplo, por isso, temos, como declara Schwindt (2020), o uso de uma marcação linguística que designa as pessoas inseridas nessas categorias. Por outro lado, para que essa linguagem se estabeleça no sistema linguístico se faz necessário que a maior parte da população tenha conhecimento sobre o significado de tais categorias.

A postagem 04, abaixo, traz um caso em que, ao usar o termo “todes”, o enunciador também modifica as demais classes de palavras na oração para se adequarem ao gênero inclusivo:

Figura 04: Comentário 4



Fonte: <https://twitter.com/estantedagabyh/status/1558192973480878080>

Assim, temos: “Se inscreva no formulário e torça para se tornar ume parceire meu!”. Nesse caso, houve a utilização do -e no final do artigo indefinido e do núcleo do objeto direto, com isso, deixa-se clara a intenção de se dirigir a um público heterogêneo. Por outro lado, ao dizer “meu”, o enunciador marca sua fala pelo gênero masculino do pronome possessivo, o que mostra a instabilidade no uso da linguagem inclusiva no contexto analisado, pois mesmo as pessoas que o propõem ainda demonstram ter dificuldade de como usá-la.

Portanto, percebemos que, na maioria dos casos, a adequação de palavras do português brasileiro para a inserção de uma possível linguagem inclusiva se dá com a intenção de se dirigir ao outro. No entanto, ao usar a primeira pessoa do discurso, geralmente, marca-se a

fala em masculino ou feminino. Desse modo, consideramos o seguinte: a utilização do gênero inclusivo está mais para o desconhecimento do gênero da pessoa que recebe a mensagem do que para a que emite. Assim, temos:

[desconhecimento do gênero biossocial do outro] → [utilização do gênero inclusivo]
 ≠
 [conhecimento do próprio gênero biossocial] → [marcação de gênero nos vocábulos de primeira pessoa].

Por fim, concluímos: a marcação de gênero inclusivo acontece nas classes de palavras que funcionam em segunda ou terceira pessoa gramatical (singular ou plural) com o intuito de incluir, na enunciação, indivíduos de gênero feminino, masculino e não-binários.

Seguindo a mesma necessidade de concordar com outras palavras, no *tweet* da figura 05, abaixo, identificamos a flexão de gênero do predicativo do sujeito, passando a ser “ansiosos” para concordar com o pronome indefinido “todes”:

Figura 05: Comentário 5



Fonte: <https://twitter.com/atleticabioufsc/status/1564749371710767106>

Além dessa constatação, notamos a ocultação do artigo antes de “colegas”, evidenciando o objetivo de não marcar essa palavra em gênero, pois, no português brasileiro, ela mantém a mesma forma para o masculino e o feminino, sendo categorizada pelo determinante. Essa escolha por palavras genéricas, segundo Corbett (1991 apud Mäder, 2015), é uma estratégia utilizada na língua para se referir ao gênero humano, principalmente quando o gênero do referente não é conhecido pelo enunciador, com isso, evita-se o impasse na construção de concordância de gênero. Ademais, diante da estrutura linguística utilizada nessa publicação, percebemos o impasse na construção do neutro, apontado por Schwindt (2020): a definição da referência semântica e a determinação ou indeterminação por artigos e pronomes, bem como a retomada pronominal. Nesse sentido, ao usar “colegas” sem o artigo, entendemos o uso genérico dessa palavra, mas se for preciso retomá-la por um pronome, visto a importância de não repetir palavras no texto, teremos uma problemática: a ausência de um pronome neutro que possa recuperar anaforicamente esse substantivo no português brasileiro. Uma alternativa para a retomada do substantivo “colegas” por um pronome neutro é o que sugerem alguns manuais de linguagem inclusiva: o uso dos pronomes neutros “elu” ou “ilu”, neste caso, poderia ser “elus” ou “ilus”.

Com isso, constatamos a dificuldade de utilização de um sistema de linguagem inclusivo de forma natural no discurso por não haver marcação de gênero inclusivo nas classes de palavras pertencentes à língua portuguesa. Assim, o indivíduo que busca marcar o gênero inclusivo em sua fala deve se valer de manuais de uso de uma linguagem inclusiva, em que apresenta novas variações de palavras do português. No entanto, esse modo de inserção de variações na língua assume um caráter prescritivo, que se distancia das características de implementação de novas palavras em um sistema linguístico, dado pela naturalidade no uso, e não pela necessidade de consulta em manuais, como se, para a utilização de variações linguísticas fosse necessário aprender como acontecem as variações. Esse caminho mostra-se inverso ao que acontece nas diversas comunidades de fala, em que os indivíduos variam as palavras lexical, morfológica ou fonologicamente, por exemplo, e, a partir disso, estudam-se as variações.

Seguindo na tentativa de adaptar o texto para a inclusão, na Figura 06, percebemos que todas as palavras que poderiam variar em gênero foram escritas com -e no final para, então, expressar a ideia de que não está se direcionando a homens ou mulheres apenas, mas, também, a pessoas que não se identificam com algum gênero. Vejamos:

Figura 06: Comentário 6

Fonte: <https://twitter.com/fafmedeiros/status/1558126883987939330>

Com esse uso, o enunciador destaca o seu entendimento de que, para se dirigir a um público diverso, é necessário usar marcações de gênero inclusivo, por isso, utiliza a variação nas palavras para concordarem com o adjunto adnominal “todes”. A partir disso, é possível afirmar, segundo Mäder (2015), que as mudanças na língua são resultado de modificações na sociedade e, conseqüentemente, na cultura dos indivíduos. Desse modo, fica evidente a relação entre a linguagem e as questões sociais de poder refletidas nas formas de uso da língua. Portanto, evidenciamos que, para alguns indivíduos, como declara Defendi e Gomes (2019), as palavras de gênero masculino e feminino já não são suficientes para se referir ao gênero humano, pois existe um grupo de pessoas que sente a necessidade de existência de um terceiro gênero para se dirigir a quem se identifica como não-binário. Além disso, os autores declaram que não existe neutralidade nas palavras, pois pertencem às relações sociais, assim, estão sempre marcando pessoas e suas ideologias no discurso.

4.2 Postagens de *Saudações*

Na Figura 07, abaixo, percebemos o uso do termo “bem vindes” para concordar com o pronome indefinido de gênero inclusivo. Vejamos:

Figura 07: Saudação 1

Fonte: <https://twitter.com/falameuanjo/status/1557798501479743490>

Desse modo, conforme a afirmação de Mäder (2015, p. 41), exposta anteriormente, percebemos, nessa construção enunciativa, que “o gênero do nome determinará o gênero dos elementos relacionados sintaticamente a ele”. Além disso, é interessante destacar o uso do termo “presidenta” para marcar o gênero da pessoa a qual está se referindo. Diante disso, podemos afirmar, mais uma vez, que o enunciador tende a usar a linguagem inclusiva quando se dirige a um público sobre o qual ele não tem conhecimento, mas usa a marcação de gênero quando conhece o receptor de sua mensagem.

No *tweet* da Figura 08, a seguir, vemos a adequação das palavras que flexionam em gênero para concordarem com a construção de uma linguagem inclusiva, são elas: “bem-vindes”, “todes” “acolhides” e “juntas”, todas no plural, referindo-se a um público heterogêneo.

Figura 08: Saudação 2

Fonte: <https://twitter.com/rydingupdatesBR/status/1564967263979114500>

Com isso, evidenciamos a modificação de gênero nas palavras para concordarem com as classes nominais presentes nesse texto. Dessa forma, relacionamos essa construção à afirmação de Mäder (2015) sobre a necessidade de haver concordância entre as classes de palavras para que exista um novo gênero gramatical, que está condicionado a essa concordância.

4.3 Postagens de *Convites*

A Figura 09, para se realizar um convite, apresenta a adequação da palavra “convidados”, que passa a ser “convidades” para concordar com o “todes”. Vejamos:

Figura 09: Convite 1



Fonte: <https://twitter.com/eugeniapsol/status/1557503092647682048>

Assim, constatamos, novamente, o entendimento da importância de adequação das classes de palavras por meio da utilização da desinência de gênero inclusivo para concordarem entre si e, assim, conforme Mäder (2015), ser possível a instituição do gênero gramatical inclusivo, que se dá pelo uso na construção linguística. Além disso, nota-se a não utilização do verbo de ligação “estão” na construção da frase, o que evidencia uma forma de escrita que imita a fala, em que a redução na construção gramatical é mais evidente a fim de ter uma comunicação rápida.

Na Figura 10, a seguir, há uma adequação com algumas palavras, mas com outras não. Vejamos:

Figura 10: Convite 2



Fonte: <https://twitter.com/batalhadavarzea/status/1562932118451372032>

É possível notar uma tentativa de adequação das palavras dentro do sintagma para concordarem com o pronome indefinido “todes”, porém não há essa adequação nas palavras “militantes” e “estudantes”, que não variam em gênero; e nem em “pesquisadores” e “trabalhadores”, mesmo variando em gênero. Entretanto, usa-se “lutadoras/es”, para marcar o gênero feminino e masculino da palavra. Além disso, temos o uso do artigo “es” para concordar com “interessades”, evidenciando uma forma de adequação das classes de palavras para que o texto apresente concordância.

Diante dessas ocorrências, percebe-se a dificuldade em ser totalmente neutro para escrever uma sentença em linguagem inclusiva. Assim, notamos a complexidade no uso da desinência de gênero inclusivo “-e” para denotar o neutro quando já existem palavras terminadas por essa vogal, referindo-se ao gênero masculino do nome ou a um coletivo, como nos exemplos apresentados por meio dessa publicação. Desse modo, conforme Schwindt

(2020, p. 19), há uma ambiguidade nesses usos, o que dificulta a inserção de um gênero inclusivo em Língua Portuguesa partindo do pressuposto de que as letras -a, -o e -e são suficientes para diferenciar os gêneros das palavras.

4.4 Postagens de Agradecimentos

A figura 11, a seguir, apresenta a adequação da palavra “obrigado”, utilizando a desinência de gênero não-binário -e e, assim, tendo uma nova forma de escrita: “obrigade”, que está na primeira pessoa do discurso, fazendo referência ao gênero do enunciador da mensagem. Vejamos:

Figura 11: Agradecimento 1



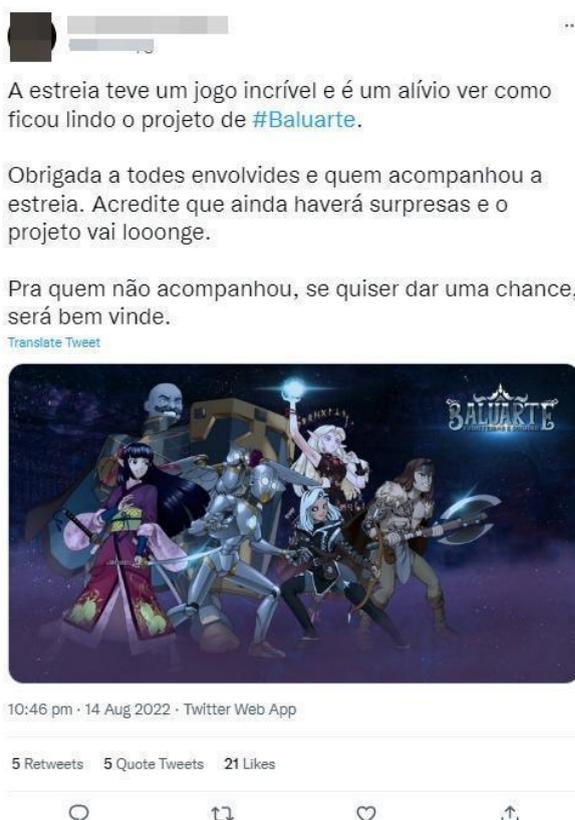
Fonte: <https://twitter.com/favelasounds/status/1554904509511499776>

Além desse fator, verificamos que o uso do pronome indefinido de gênero inclusivo reforça o desejo de inserir, no discurso, todas as pessoas que fizeram parte do evento mencionado. Desse modo, percebemos que a ideologia do indivíduo está vinculada à linguagem, como expõe Fiorin (1990). Assim, as modificações na língua acontecem ao passo em que a visão de mundo de determinados grupos sociais mudam. Diante disso, as alterações

na língua podem ou não se firmarem no sistema de linguagem dos indivíduos. Isso depende de quem utiliza esse novo modo de usar as palavras, pois, como defende Fiorin (1990), a classe dominante determina a ideologia dominante.

No *tweet* da Figura 12, abaixo, temos, mais uma vez, a adequação de palavras para a concordância em gênero com outros termos. Assim, nesta publicação, notamos a adequação da palavra “envolvidos” para concordar com o termo “todes”.

Figura 12: Agradecimento 2



Fonte: <https://twitter.com/atavolarg/status/1558993409028808706>

Além disso, percebemos a ausência do artigo antes do adjetivo, o que pode evidenciar uma problemática na construção de uma linguagem inclusiva, pois, nesse caso, o determinante deveria também ser modificado para concordar com “envolvides”. Desse modo, como declara Schwindt (2020), a falta de determinação por artigos é um dos fatores que se impõe à construção de uma linguagem neutra no português. Outro fator importante é, mais uma vez, a diferenciação entre a variação do termo em primeira pessoa (“Obrigada”), marcando o gênero feminino e os termos em terceira pessoa, sempre no gênero inclusivo. Isso reforça a constatação de que a linguagem inclusiva está mais para a não marcação de gênero do receptor da mensagem do que para marcar o gênero de quem a emite.

4.5 Postagem de *Felicitações*

Na figura 13, a seguir, percebemos a intenção do enunciador em compartilhar seu ponto de vista: a compreensão de figura paterna a todos que exercem essa função. A partir disso, constrói o seu texto aplicando a variação de gênero inclusivo em algumas palavras. Vejamos:

Figura 13: Felicitação 1



Fonte⁵: <https://twitter.com/AlicePriestly/status/1558787399018233856>

Nesse caso, chamamos a atenção para a seguinte construção presente no primeiro parágrafo: “Feliz dia dos pais [...] a toda mãe solteira e tode nãe solteire”, em que, primeiramente, compreendemos o termo “nãe” como um erro de digitação, pois percebemos que a intenção seria dizer “mãe” e, por meio dos adjuntos adnominais “tode” e “solteires”, conclui-se que o objetivo do enunciador é marcar, nessa frase, pessoas transgênero que exercem o papel de mãe solteira, portanto de “mãe” e “pai” ao mesmo tempo, mas que não se identificam com o gênero feminino nem com o masculino, por isso, a utilização do -e singular e plural respectivamente nas palavras citadas.

Por fim, no segundo parágrafo, há a marcação de gênero inclusivo no pronome indefinido “todos” e no predicativo do sujeito “contemplados”, com isso, passam a ser “todes” e “contemplades”. Assim, conclui-se que essa adequação de gênero desconsidera o morfema zero, desferido ao gênero masculino em português, segundo a tese de Câmara Jr. (1970 apud CAVALCANTE, p. 2022) e, por isso, ao se referir a todas as pessoas que se encaixam no

⁵ **A título de informação, trouxemos o significado do termo “aquiliano” presente nessa postagem:** “Homem que sente atração por homens, exclusivamente ou não (HAH). Um relacionamento entre dois ou mais homens pode ser descrito como aquileano.” (ELÁSTICA, 2022).

termo “pai”, o enunciador não faz uso do masculino genérico, em contrapartida, aplica o gênero inclusivo.

4.6 Para além das categorias: outros fenômenos observados no uso do pronome “todes”

Nesta subseção, apresentamos algumas variações quanto à aplicação de uma linguagem inclusiva no português brasileiro. Com isso, percebemos que ainda há outras questões a serem analisadas quanto ao uso do pronome indefinido de gênero inclusivo em Língua Portuguesa. Vejamos os exemplos:

4.6.1 Separação entre os termos “todos” e “todes” em uma mesma situação comunicativa

A seguir, apresentamos 3 das 6 postagens encontradas no *corpus* em que os internautas usaram os pronomes indefinidos “todos” e “todes” no mesmo texto. Com isso, pretendemos identificar o motivo dessa separação. Na Figura 14, abaixo, houve a separação dos receptores da mensagem ao usar “todos” em um primeiro momento e “todes” posteriormente. Vejamos:

Figura 14: “todos” e “todes” na mesma postagem 1



Fonte: <https://twitter.com/lerezada/status/1554456475820593152>

Assim, notamos que os pronomes indefinidos “todos” e “todes” não exercem, para o enunciador da publicação, a mesma função de se referir a um público heterogêneo. Diante disso, o que se pode evidenciar é o preconceito ao usar o termo “todes”, relacionando-o a

peças que não são “loucospelavida”. Nesse contexto, ao usar o pronome indefinido de gênero masculino para denotar o gênero humano, percebemos que essa escolha por um gênero gramatical para a generalização no discurso acontece, como afirma Mäder (2015), pelo que os indivíduos querem dizer e fazer com a língua, podendo ser uma escolha no nível da consciência ou relacionada à utilização definida na sociedade.

No *tweet* da figura 15, a seguir, assim como na postagem da figura 14, usa-se os termos “todos” e “todes” para se referir aos leitores da mensagem, divergindo entre o gênero masculino, também visto como não marcado e o gênero inclusivo, ambos direcionando o discurso para as pessoas em geral:

Figura 15: “todos” e “todes” na mesma postagem 2



Fonte: <https://twitter.com/MorgaderStan/status/1556333693601447938>

Desse modo, podemos inferir que a intenção do internauta pode ter sido a de incluir, por meio das duas formas de marcação de gênero (todos e todes) a sua visão de mundo. Isso acontece, pois, conforme Mäder (2015), a utilização de um determinado gênero gramatical

implica na exposição das ideologias dos indivíduos. Assim, para o internauta, usar “todos” ou “todes” tem o mesmo efeito: se dirigir a um público heterogêneo. Com isso, constatamos que não há a necessidade de surgimento de um novo gênero gramatical do ponto de vista estrutural, pois já existe um gênero não marcado, o masculino genérico, que funciona como um instrumento para se dirigir ao gênero humano e continua sendo utilizado pelos indivíduos. No entanto, não podemos deixar de reforçar que a reivindicação do gênero inclusivo obedece a exigências de cunho social e histórico.

Seguindo o uso dos termos “todos” e “todes” pelo mesmo indivíduo, evidenciamos que, na figura 16, abaixo, a divergência se dá pelos usos na fala e na escrita do internauta:

Figura 16⁶: “todos” e “todes” na mesma postagem 3



Fonte: <https://twitter.com/centralDiegoC/status/1557404586721398784>

Diante deste *tweet*, notamos que o uso do termo “todes” não está presente na fala do enunciador, uma vez que ele pronuncia “todos”. Por outro lado, ao escrever, retoma ao que disse no vídeo e, nesse momento, faz uso do pronome indefinido de gênero inclusivo. Portanto, conclui-se que a marcação de gênero inclusivo pelos falantes brasileiros é feita no

⁶ **Observação:** na fala do vídeo, o internauta diz: “Aqui, na cidade de São Paulo, já :tá liberado pra todos a partir de 18 anos.”.

nível da consciência do indivíduo, que faz uso dessa variante da língua portuguesa, seguindo regras, muitas vezes, desconhecidas ou pouco habituais ao falante e, por isso, tem-se uma dificuldade de usar a linguagem inclusiva de maneira natural tanto na oralidade quanto na escrita.

4.6.2 Ausência de concordância entre as classes de palavras no uso da linguagem inclusiva

Nas publicações postas, percebemos a recorrência de construções enunciativas sem a concordância entre todas as classes de palavras utilizadas na formação do texto. Na figura 17, a seguir, notamos a flexão de uma determinada classe de palavra para adequação à linguagem neutra, no entanto, em outro vocábulo dentro da enunciação, há a marcação em gênero:

Figura 17: Ausência de concordância 1



Fonte: <https://twitter.com/vitormattosz/status/155531287770358785>

Assim, nessa construção linguística, percebemos que o enunciador flexionou o substantivo “amigos” para “amigues”, mas, ao usar o pronome possessivo “meus”, quebra-se a ideia de inclusão, uma vez que esse vocábulo pertence à desinência de gênero masculino. Assim, mais uma vez, tem-se um caso de dificuldade no uso dessa nova forma de linguagem, conforme evidencia Schwindt (2020), pela determinação do gênero do pronome possessivo quando, na verdade, a intenção do enunciador seria não fazer essa marcação.

No *tweet* da figura 18, abaixo, o internauta faz uso de palavras marcadas com o morfema zero, deixando o discurso generalizado, mas usa o termo “todes”, que marca a enunciação em gênero inclusivo. Assim, diverge entre o uso do masculino genérico e do gênero inclusivo para se referir a um coletivo:

Figura 18: Ausência de concordância 2

Fonte: <https://twitter.com/LeloPoletto/status/1555656891484622849>

Com isso, percebemos que o internauta usou as palavras “caloteiro” e “cobrado” com a desinência de gênero masculino, mas, no final do texto, usa o termo “todes”, que difere da marcação de gênero aplicada às palavras anteriores. Percebendo essa divergência, outro internauta comentou nessa postagem, corrigindo o enunciador, assim, escreve: “CaloteirE” (com o -e maiúsculo para dar ênfase ao que se quer destacar) e Cobrade. Diante dessa situação discursiva, percebe-se o reconhecimento, por parte de alguns brasileiros, da necessidade de adequação das palavras em uma sentença para que haja concordância e, portanto, o uso efetivo da linguagem inclusiva.

Na postagem, outro internauta pergunta, diante da mensagem publicada: “tu é menino ou menina?”, ao que o autor da publicação responde: “meninx”. Assim, percebe-se que, ao usar o “todes”, há pessoas que relacionam o emissor da mensagem a alguém não pertencente à binaridade de gênero biológico e, por isso, existe esse tipo de indagação. Além disso, há o uso

do morfema -x em “meninx” para a não identificação do gênero da palavra e, com isso, teria-se outra forma inclusiva.

Essa percepção de concordância entre as classes de palavras é o que caracteriza, segundo Mäder (2015), a definição de gênero gramatical. Nesse sentido, conforme esse autor, a gramática nasce pelo uso da língua, que está associada aos indivíduos que a utilizam, bem como à cultura e às comunidades sociais. Desse modo, as variações na língua surgem pelo uso natural delas entre os indivíduos e, conseqüentemente, é por meio das interações entre eles e o mundo a sua volta que acontecem e se espalham as relações de poder.

4.6.3 *Uso dos pronomes indefinidos “todos”, “todas” e “todes” simultaneamente*

Do total de postagens selecionadas para a construção do *corpus*; 38, aproximadamente 12,2%, foram publicadas pelos internautas com o uso do pronome indefinido “todos” de três formas na mesma frase, foram elas: 1) “todos”, como referência a um público do sexo masculino; 2) “todas”, dirigindo a enunciação a um público feminino e, por fim, 3) “todes”, com a intenção de evidenciar leitores que se dizem não pertencentes a essa binaridade sexual/de gênero biológico.

Além disso, constatamos a utilização de três ordens desses pronomes nas frases, são elas: 1) “todos, todas e todes”, com 21 ocorrências; 2) “todas, todos e todes”, com 14 ocorrências; e 3) “todas, todes e todos”, com 3 ocorrências. Vejamos na tabela:

Tabela 3: Uso dos pronomes “todos”, “todas” e “todes” na mesma postagem

Ordem	Ocorrências	%
1) “todos, todas e todes.”	21	55,3%
2) “todas, todos e todes.”	14	36,8%
3) “todas, todes e todos.”	3	7,9%
TOTAL	38	100

Fonte: Elaboração própria

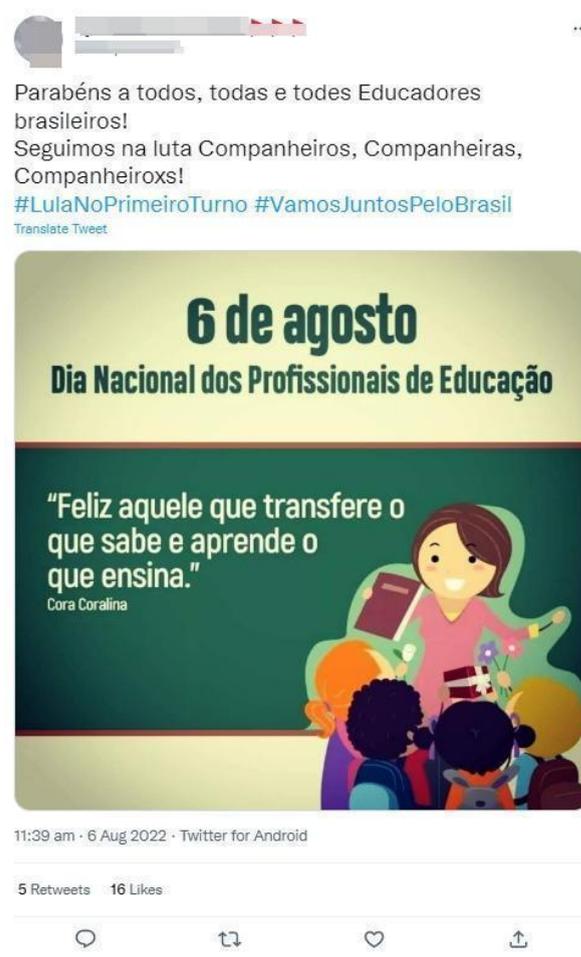
Assim, a partir desses dados, percebemos que o intuito do enunciador é incluir, no discurso, pessoas do gênero masculino, feminino e as que se definem como não-binárias. Com isso, usa palavras de desinência de gênero masculino, feminino e, por último, há uma tentativa de adequação nas palavras para se encaixarem na linguagem inclusiva por meio do acréscimo

da vogal -e ou pela substituição da última letra da palavra por essa. Assim, no Português do Brasil, teríamos uma desinência de gênero inclusivo (Cf. CAVALCANTE, 2022).

Para exemplificar as informações acima descritas, vejamos algumas das ocorrências encontradas no *corpus*:

A figura 19, abaixo, apresenta o uso dos pronomes “todos”, “todas” e “todes”, respectivamente, na mesma enunciação. Além disso, há a flexão em gênero masculino, feminino e uma tentativa de flexão em gênero inclusivo (pelo uso do -x) na palavra companheiros, bem como percebemos que o enunciador evita usar o artigo antes de “educadores”, o que poderia marcar a palavra em gênero:

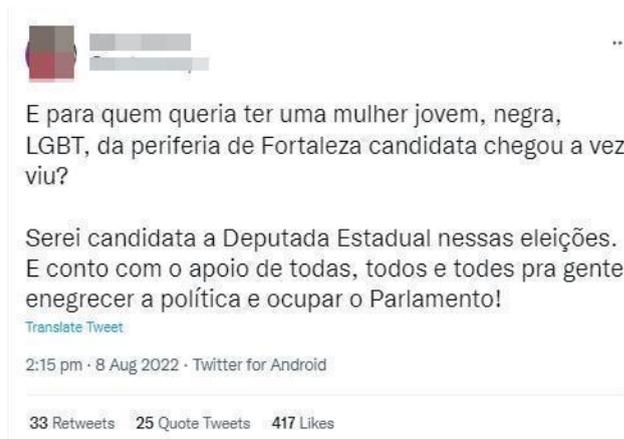
Figura 19: Uso do pronome nos 3 gêneros diferentes 1



Fonte: <https://twitter.com/donpaixao40/status/1555926432693485569>

No *tweet* da figura 20, a seguir, notamos, novamente, o uso do pronome indefinido nos três gêneros, no entanto, o internauta usa uma ordem diferente da evidenciada na figura 19, aqui, temos: “todas”, “todos” e “todes”:

Figura 20: Uso do pronome nos 3 gêneros diferentes 2



Fonte: <https://twitter.com/Marilacerdapt/status/1556690628284764162>

Por fim, no discurso da figura 21, abaixo, percebemos o uso do pronome indefinido na seguinte ordem: “todas”, “todes” e “todos”, que difere das construções enunciativas vistas nas figuras 19 e 20:

Figura 21: Uso do pronome nos 3 gêneros diferentes 3



Fonte: <https://twitter.com/RitaRerebordosa/status/1561845049939447817>

Diante desses fatores, podemos inferir que a ordem em que os pronomes indefinidos foram organizados dentro das frases pode revelar a intenção de destacar os sujeitos, pois, ao dizer algo, observa-se, também, como é dito. Além do mais, de acordo com a declaração de Cavalcante (2022), a construção enunciativa com o pronome indefinido marcado em gênero masculino, feminino e inclusivo evidencia a separação entre pessoas do sexo masculino, feminino e não-binário, respectivamente. Desse modo, constatamos a segmentação dos receptores da mensagem, o que diverge da ideia de inclusão de todas as pessoas no discurso por meio do “todes”.

4.6.4 Ausência de preposição antes de palavras que se referem a um coletivo

Identificamos, também, a ocorrência de frases sem o uso da preposição quando, gramaticalmente, deveria ser utilizada. Nesse sentido, a figura 22, a seguir, apresenta o uso do termo “agradeço” sem a preposição que estaria se conectando ao pronome indefinido de gênero inclusivo:

Figura 22: Agradecimento sem a preposição 1



Fonte: <https://twitter.com/legendacunny/status/1554100131028500482>

Seguindo essa forma de construção discursiva, no *tweet* da figura 23, abaixo, percebemos, mais uma vez, a ausência da preposição após um termo de agradecimento, que se liga ao vocábulo “todes”:

Figura 23: Agradecimento sem a preposição 2



Fonte: https://twitter.com/Pepe_poetamargi/status/1556412206916444164

A partir desses dados, verificamos que a ausência da preposição indica uma variação e pode indicar uma possível mudança no uso da língua portuguesa, revelando que os falantes não veem mais a necessidade de usar a preposição após palavras de agradecimento seguidas de pronomes que se referem a um coletivo. Nesse caso, diríamos, por exemplo: “Agradeço o público pela presença”, e não: “Agradeço ao público pela presença” ou, ainda, “Obrigada todos os estudantes pela participação” em vez de “Obrigada a todos os estudantes pela participação”. Contudo, em se tratando do uso do “todes”, podemos considerar outra hipótese, a de que a tendência a evitar o determinante antes dos pronomes inclusivos pode levar alguns usuários a confundirem artigo e preposição, ou seja, tende-se à exclusão de qualquer morfema

que pode ser considerado como marcador de gênero, assim a exclusão desses itens linguísticos pode ser uma tentativa de reforçar a linguagem inclusiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As variações na língua estão sempre acontecendo em maior ou menor escala nas diversas comunidades de fala. Isso se dá para acompanhar as transformações dos indivíduos, considerando que a linguagem é o principal meio de comunicação e expressão, seja visual, escrita, oral ou em qualquer outra forma. De acordo com Bagno (2020), a língua está sujeita a mudanças com o tempo e a variações no espaço. Sendo assim, “todas as variedades de uma língua têm recursos linguísticos suficientes para desempenhar sua função de veículo de comunicação, de expressão e de interação entre seres humanos. Mas, por alguma razão, ou razões, só algumas servem de base para o padrão.” (BAGNO, 2020, p. 25). Partindo dessa afirmação, verificamos que a inserção de uma nova variante na língua portuguesa está condicionada a questões morfossintáticas e, paralelamente, a questões sociais.

Diante disso, com o intuito de relacionar essas afirmações às postagens analisadas, ficou evidente que o termo “todes”, objeto desta pesquisa, continua sendo utilizado pelos brasileiros em diferentes situações comunicativas. No entanto, a instituição de uma linguagem inclusiva na Língua Portuguesa torna-se complexa por diversos fatores.

Considerando os objetivos instituídos, constatamos que o pronome “todes” ocorre, com maior frequência, em contextos discursivos informais baseados em comentários sobre assuntos pessoais, de pessoas famosas ou de acontecimentos diários, envolvendo o enunciador e o público-alvo de sua enunciação. Além disso, verificamos a ocorrência desse termo em postagens cujo texto estava direcionado a saudações, convites, agradecimentos - compreendendo os maiores números de frequência e, também, em publicações caracterizadas como felicitações e pedidos - com o menor número de frequência respectivamente. Com isso, notamos que o pronome indefinido de gênero inclusivo presente nas publicações coletadas do *Twitter* é usado, com maior frequência, para se referir ao outro, e não, necessariamente, para marcar o gênero de quem fala.

Com esta pesquisa, foi possível analisar que a linguagem mantém uma relação direta com os indivíduos, sendo um instrumento de representação de seus ideais e o meio de se posicionarem no mundo. Desse modo, à medida que é determinada pelos usuários da língua também determina o modo como eles percebem o que está a sua volta. Outro aspecto encontrado foi a presença do termo “todes” majoritariamente em sintagmas preposicionados, o que evidencia uma tendência ao uso desse pronome em sintagmas subordinados a outros, ou seja, de ele não ser núcleo dos constituintes principais das orações. Outrossim, percebemos, por meio das estruturas gramaticais nos discursos, que a construção de uma linguagem

inclusiva em Língua Portuguesa ainda não atingiu o nível de concordância entre os termos das orações para que, como defende Cavalcante (2022), haja um novo gênero na língua.

Concomitantemente, notamos que as modificações na linguagem, para o uso de um gênero inclusivo, baseiam-se nos conhecimentos prévios dos indivíduos quanto à formação de frases, principalmente pelo fator concordância. Nesse sentido, verificamos que, para a instituição de uma linguagem inclusiva em língua portuguesa, os enunciados são construídos por meio de termos inclusivos, com o acréscimo da desinência de gênero inclusivo “-e” no final de palavras ou com a substituição da letra final dos vocábulos pela letra -e. No entanto, identificamos divergências no uso do “todes” e das demais classes de palavras para concordarem com ele em uma situação discursiva. Isso se deu pela variação entre a utilização de termos gerais, com morfema zero, e a modificação de palavras para se adequarem ao gênero inclusivo em uma mesma situação comunicativa, bem como entre palavras com marcação de gênero gramatical e as novas palavras com marcação de gênero inclusivo. Por esse motivo, concluímos que a tentativa de uma comunicação inclusiva por meio do português brasileiro não acontece de forma natural – fator primordial para a naturalidade no uso da linguagem. Ademais, notamos o preconceito linguístico direcionado a quem usa o pronome indefinido de gênero inclusivo. Essa evidência foi perceptível ao analisarmos postagens em que os internautas fizeram uso do termo “todes” com a intenção de criticar quem apoia a linguagem inclusiva em Língua Portuguesa.

Assim, a implementação e utilização de um gênero inclusivo no português brasileiro gera resistência por fatores morfossintáticos e sociais. Desse modo, verificamos a incongruência entre as classes de palavras nas postagens do *Twitter*, bem como a utilização do “todes” como um termo marcador de inclusão, sem modificar as demais palavras do discurso, que são utilizadas de modo geral, ou seja, sem a marcação de gênero nos vocábulos. Portanto, dentro do *corpus* analisado, temos a utilização de um sistema de linguagem inclusiva ainda incipiente. Isso se dá pela aplicação de um termo marcador de inclusão (todes) e a tentativa de modificação de palavras, que não funcionam efetivamente na língua pela falta de concordância e, também, de naturalidade.

Essas reflexões permitem afirmar que, apesar de existirem relações de poder entre a linguagem e os grupos sociais que a utilizam e, com isso, as variações na língua terem mais ou menos aceitação, a implementação do gênero inclusivo no português brasileiro está além das questões de poder; é baseada, principalmente, pelo uso natural nas diversas comunidades de fala.

Diante do exposto, os objetivos alcançados foram primordiais para identificarmos os contextos morfossintático e discursivo em que o pronome “todes” ocorre por meio das publicações no *Twitter* durante o mês de agosto de 2022. Com isso, percebemos que a luta pela igualdade de direitos, em relação aos gêneros dos indivíduos, firma-se pelo uso do pronome indefinido de gênero inclusivo, que funciona como um instrumento de posicionamento ideológico. Além disso, constatamos que a variação de palavras binárias na Língua Portuguesa está passando por uma ampliação e, com isso, há a modificação de vocábulos para a inserção de uma linguagem inclusiva com o intuito de poder se dirigir a pessoas não-binárias por meio de uma linguagem própria. Por fim, verificamos que não existe no momento atual, seguindo uma análise morfossintática, a pertinência na implementação de um gênero inclusivo dentro de um sistema de linguagem em que os vocábulos variam em gênero, no entanto, não implicam, necessariamente, no gênero do indivíduo que as utiliza ou a ele são direcionadas. Essa conclusão foi possível ao notarmos um maior uso do termo “todes” como marcador de inclusão no discurso ao se dirigir a um público heterogêneo, sendo conhecido ou não pelo enunciador, do que por pessoas não-binárias ou em discursos direcionados apenas a esse público.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Maria Cristina de. **Metodologia do trabalho científico**. UFPB. 2013.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 17 ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- CAVALCANTE, Silvia. A morfologia de gênero neutro e a mudança acima do nível de consciência. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. OTHERO, Gabriel de Ávila (Org.). **Linguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2022.
- CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Portugal: Revista Portuguesa de Educação, v. 16, n. 2, p. 221-236:
- CUNHA, Celso Ferreira da. CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7ª ed. 2ª impressão. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- DEFENDI, Cristina Lopomo. GOMES, Thamires Rodrigues. **Alternativas que buscam neutralizar o gênero gramatical: Usos e motivações**. Revista The Specialist, v. 40, n. 1, p. 1-10, 2019.
- ELÁSTICA. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/termos-juvelicos-genero-atracao-aquileano-safica/>. Acesso em: 20 de Nov. de 2022.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. 2nd edition. USA: Pearson Education ESL, 2001, p. 1-52.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2008.
- GONÇALVES, Tálita. Como funciona o *twitter*?. **Etus**. 2021. Disponível em: <https://etus.com.br/blog/como-funciona-o-twitter/>. Acesso em: 20 de Nov. de 2022.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MÄDER, Guilherme Ribeiro Colaço. **Masculino genérico e sexismo gramatical**. Dissertação (mestrado): Florianópolis, SC, p. 1-159, 2015.
- OLIVEIRA, Samuel Gomes de. A linguagem neutra e o ensino de língua portuguesa na escola. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. OTHERO, Gabriel de Ávila (Org.). **Linguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2022.
- RODRIGUES, William Costa. **Metodologia científica**. Paracambi: FAETEC/IST, 2007.
- SCHWINDT, L. C. **Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico**. Revista da Abralín, v. 9, n. 1, p. 1-23, 2020.

STENGEL, Márcia; SOARES, Samara Souza. **Netnografia e a pesquisa científica na internet**. Belo Horizonte: Psicologia USP, 2021.